

The background of the cover is a close-up photograph of an open, lined notebook with a silver pen resting on it. The lighting is warm and focused on the notebook, with a dark, blurred background.

Panóplia

ANTOLOGIA

SENTIMENTOS *escritos*

ORGANIZADORA
ANDREIA MARQUES

ANTOLOGIA

SENTIMENTOS
escritos

Organizadora: Andreia Marques

1ª edição
Editora Panóplia
Rio de Janeiro, 2024

© 2024 Editora Panóplia
www.editorapanoplia.com.br

Antologia Sentimentos Escritos

Vários autores

Organização: Andreia Marques

Revisão: Dos próprios autores

Capa e Projeto Gráfico: Andreia Marques

Imagens: Pexels e Pixabay

1ª edição

ISBN 978-85-54018-51-1



Tipo de Licença:

Atribuição-SemDerivações-SemDerivados- CC BY- NC

Esta obra pode ser baixada e compartilhada desde que

o crédito seja atribuído à editora Panóplia.

Não pode ser alterada de nenhuma forma.

Não pode ser comercializada de nenhuma forma.

ANTOLOGIA

SENTIMENTOS
escritos

Organizadora: Andreia Marques

Sentimentos Escritos

SUMÁRIO

Apresentação ...	10
Alcileide Pires ...	14
Aline Teixeira da Silva ...	18
Ana Cristina Rosito ...	21
Arnaldo Marques de Oliveira ...	24
Auricélia Melo Feijão ...	38
Camilo de Léllis Fontanin ...	41
Carla Nunes ...	44
Carlos Frederico ...	48
Caroline Costa ...	51
Cindy Marcelle Porto dos Santos ...	55
Claudinho DVD ...	60
Débora Oriente ...	63
Débora Reis ...	70
Eder Diniz ...	73
Edileide Silva ...	75
Eliane Menezes Soares ...	81

Sentimentos Escritos

Elisabete Nascimento ...	88
Elizangela Alves Vieira ...	94
Eliz Vieira ...	96
Emanuel Avila Restier ...	100
Fabiana Lessa ...	103
Fran Abreu ...	106
Gal Perdigão ...	109
Gilson Salomão Pessôa ...	111
Giovanna Barros ...	121
Gisele Starck ...	125
Heloisa Rodrigues ...	128
Ísis Esteves ...	131
Jarbiane Gomes ...	134
Joany Kelly Tumbalalá ...	136
Karina Oliveira ...	139
Laís Esteves ...	143
Leandra Moreira ...	146
Leidiany Melo de Souza ...	151
Lucas Mariano Rosa ...	157
Luciana Gomes ...	160

Sentimentos Escritos

Luna White ...	162
Luzz Souza ...	164
Magno Assis ...	168
Marcos Siqueira ...	170
Maria Chocolate ...	175
Max Raposo ...	177
Mayhara Tavares Jorge ...	181
Michele Canez Dombkowitsch ...	184
Nancilia Pereira ...	187
Nane Fonseca ...	189
Nathália Santas ...	192
Nildaline Rocha ...	196
Noemia Rodrigues ...	199
Patrícia dos Santos ...	202
Patrícia Rodrigues Rocha ...	206
Philippe H. Scherr ...	211
Philippe Thorp ...	220
Renata Ross ...	227
Ricardo Guedes Kumm ...	230
Sawan Alves ...	233

Sentimentos Escritos

Shirley da Rosa Garrido ...	235
Simone Garcia ...	238
Stephanny Laura ...	242
Suely Motta ...	244
Suênia Livene ...	248
Taiana Janaina Vargas Ribeiro ...	253
Tallita Monteiro ...	258
Tati Tuxa ...	261
Thais Faustino Bezerra ...	268
Vanessa Jamile ...	271
Vanessa Luciana ...	275
Vânia Pinheiro ...	278
Vanice Ricardo do Nascimento ...	281
Veraloufi ...	285
Victorya Barreto ...	290
Weverton Notreview ...	294
Zé Coembra ...	298
A Organizadora ...	301

APRESENTAÇÃO

É com grande prazer que lhe dou as boas-vindas à antologia "Sentimentos Escritos". Este projeto nasceu da paixão compartilhada por expressões literárias e pela riqueza das emoções humanas. Ao folhear estas páginas, convido-o(a) a embarcar em uma jornada única, onde cada texto é uma janela para o mundo interior de seus autores.

Nesta coletânea, reunimos uma variedade de formas literárias: prosa, poesia, contos e haicais. Cada gênero oferece uma oportunidade distinta de explorar e capturar a complexidade da experiência humana. Dos contos intrincados que nos transportam para mundos imaginários, às poesias que sussurram os segredos da alma, cada página é um convite para mergulhar nas profundezas da emoção.

Em "Sentimentos Escritos", você encontrará uma miríade de temas e narrativas. Da alegria radiante à tristeza profunda, da esperança incandescente ao desespero angustiante, nossos autores exploram os

extremos e os matizes do que significa ser humano. Cada palavra é cuidadosamente escolhida, cada frase é tecida com a intenção de evocar uma resposta emocional, seja ela uma risada, uma lágrima ou uma reflexão silenciosa.

Mais do que uma simples coleção de textos, esta antologia é um testemunho da capacidade da escrita de nos conectar uns aos outros. Por meio das histórias que contamos e das palavras que compartilhamos, encontramos uma comunidade de almas afins, unidas pela nossa humanidade compartilhada. É através da escrita que construímos pontes sobre os abismos que nos separam e celebramos as experiências que nos unem.

Ao folhear estas páginas, espero que você encontre conforto nos momentos de tristeza, inspiração nos momentos de dúvida e alegria nos momentos de felicidade. Que cada texto ressoe dentro de você, despertando emoções há muito adormecidas e lembrando-o(a) da beleza e da complexidade da vida.

Agradeço a todos os autores que contribuíram para esta antologia, compartilhando generosamente suas

Sentimentos Escritos

vozes e visões. Que suas palavras continuem a ecoar muito além destas páginas, inspirando e tocando os corações daqueles que as encontram.

Com a esperança de que esta antologia encontre um lugar especial em seu coração, convido-o(a) a explorar as maravilhas de "Sentimentos Escritos".

Com gratidão,

Andreia Marques

Organizadora

Sentimentos Escritos



ALCILEIDE PIRES

Sou Pedagoga, Professora de Artes, Contadora de Histórias, Mediadora de Leitura, Mediadora de Conflitos e a Palhaça Borboleta voluntária em abrigos de Idosos.

VOCÊ É A PESSOA MAIS IMPORTANTE DO MUNDO

A luta do dia a dia está transformando o homem num ser solitário, inseguro e indiferente. O homem está ficando triste, desconfiado e, a cada dia, mais só. Se afastando de seus amigos, parentes e família. A maioria das pessoas vivem correndo atrás de prazeres materiais, se desviando do caminho do bem, se esquecendo do lado espiritual. Assim cresce a angústia, o sofrimento, o medo e a felicidade parece impossível de se conquistar.

Quando criança, pensamos que vamos realizar todos os nossos sonhos. Quando crescemos, nossos sonhos são esquecidos. E o dia a dia de realidades como guerras, fome, miséria, abandono, preconceito, doenças e violência, nos deixam tristes e amedrontados com esse futuro incerto. Dentro de nossos corações achamos que a vida não vale a pena e a felicidade é impossível. Todos nós buscamos a felicidade.

Chega até nós mensagens de filósofos, os profetas, mensageiros diversos, que apontam para nós o caminho da felicidade e da paz. Mas o homem, por algum motivo,

não compreende ou não está preparado para entender a mensagem, permanecendo inseguro e só.

"A felicidade é uma sensação momentânea que desaparece quando menos se espera."

Por isso, aproveite esse momento como se fosse o último.

A felicidade é um jeito de viver, de viver bem, agradecendo a Deus por tudo o que temos.

Não fazer mal ao próximo, saber ouvir, aprender coisas novas. Ter a consciência tranquila que você faz a sua parte. Acredite que dentro de você existe muito força, muito amor, muita luz.

Tenha pensamentos bons e afaste os pensamentos negativos.

Seja seu melhor amigo, seu confidente, isso vai ajudar a superar todos os obstáculos e tristezas que poderão surgir.

Compreenda que viver é um dom divino e que sofrer faz parte da vida.

E você, estando bem consigo mesmo, com fé em Deus, não sofrerá por muito tempo.

Se ame, sorria mais, faça o bem. Quando estiver

triste converse com Deus, Ele irá te ouvir e dará um jeito de você entender suas respostas.

Afinal, para Deus, você é a pessoa mais importante no mundo.



ALINE TEIXEIRA DA SILVA

"Meu nome é Aline Teixeira da Silva, possuo 16 anos, sou uma (entre tantas/os) amante da literatura. Minha válvula de escape no dia a dia é a escrita (especificamente de poesia), e com o tempo, pensei em transformar o hobbie em algo sério, e esta antologia é o primeiro passo para isto."

ARRANCAR-TE PELA RAIZ

Quero arrancar
Seus olhos quando você me encara
Como se eu fosse a culpada

Quero arrancar
Sua língua quando você fala
Que a tu presença me abala

Quero arrancar
Seus ouvidos quando você escuta
Que minha fala sobre você é bruta
(Sendo uma mentira absoluta!!!)

Quero arrancar
Seu toque de minha pele
Que por saudades
Dá-me até febre

Quero arrancar
Sua curta e injusta memória,

Toda a nossa desperdiçada trajetória
Pois VOCÊ desperdiçou
Todo o meu disponível amor
Você em outras pessoas acreditou,
Esquecendo-se do meu valor

Tu preferiste acreditar
Em histórias nas quais
EU te odiava,
Sendo que EU,
Para te ver ansiava

Eu vou arrancar suas falas bonitas
De minhas lembranças,
Sua voz doce que me acalmava
De meus ouvidos,
O seu doce e tranquilizante
Toque de minha pele

E, aos poucos,
Você irá se tornar
Apenas um DESCONHECIDO



ANA CRISTINA ROSITO

Carioca, mestra em Língua Portuguesa pela UFRJ, professora da Rede Estadual do RJ desde 2006, revisora do livro “Se tens um dom seja! - Bruno Black e Brunetts” (2020) e autora dos livros de poesia “Dimensões” (2008) e “Lagarta-crisálida-borboleta” (2016) e dos premiados livros infantis “Dandara e as vaquinhas” (2017) e “O menino atrás do muro” (2019). Em 2023, lançou o livro infantil "Meu pé de brigadeiro". Faz parte da AVPLP (Academia Virtual dos Poetas da Língua Portuguesa), da ASOL (Academia do Sarau na Casa D'Alma) e da AILB (Academia Internacional de Literatura Brasileira). Em 2020, ganhou uma Moção de Congratulação e Louvor na Câmara dos vereadores do RJ. Nas redes sociais, apresenta as lives "Momento 10" e a premiada live "Ana Cristina Rosito convida".

PERDÃO

Como eu gostaria de voltar e de recomeçar a nossa história, mas entendo que, no caminho de todos nós, só é possível seguir e, algumas vezes, parar por algum tempo para retomar o fôlego.

Tive muitas oportunidades de consertar meus passos equivocados, mas preferi andar sem refletir acerca de minhas escolhas, às vezes por ingenuidade, outras vezes por uma ignorância gerada pela arrogância que só percebo agora.

Festas, postagens sem freio apenas para conseguir "likes", engajamento e mais e mais seguidores. Um vício em um ilusório sucesso independentemente do tipo de influência que eu poderia gerar nas pessoas.

Ah... Como me arrependo de, por vaidade, não a ter respeitado e ter acreditado nos meus amigos de copo e de curtidas!

Agora, estou aqui: nesta cama. Conto com carinhosos desconhecidos que, no exercício da profissão, mostram-me o que é cuidado. E reflito tristemente: Onde estão os meus seguidores? Onde estão aqueles que me

induziam a “challenges” e a vender, através de filtros, uma imagem de mim que não é real.

Quantas vezes troquei idas a cinema com pessoas que fazem parte da minha história de vida para ficar produzindo conteúdo a fim de agradar robôs e desconhecidos? Quantas vezes declarei coisas nas quais nem acreditava preocupada apenas com o aumento ou a diminuição das visitas aos meus perfis?

Assim, fui me tornando refém de um eu cada vez mais vazio; tornei-me alguém intolerante àqueles que me amavam verdadeiramente; afastei-me de todos e passei a achar ultrapassado qualquer compromisso fora das redes.

Agora, estou aqui nesta cama. Tudo por conta de um procedimento estético malfeito que quase levou-me à morte. Perto de mim, enfermeiras, meus amigos de uma vida inteira e minha família. Sem seguidores nem parceiros digitais. Sem filtros. Realmente eu que, arrependida, peço perdão a você por eu ter me perdido pela vaidade e pela ilusão; por não ter valorizado as pessoas reais que habitam a paisagem da minha existência. Perdão, vida. Perdão...



ARNALDO MARQUES DE OLIVEIRA

Arnaldo Marques de Oliveira, 61 anos, nascido em Itambacuri-MG, residente na cidade do Rio de Janeiro/RJ, Médico, Cirurgião Geral, Videolaparoscopista, Cirurgião Oncológico, e especialista em Cirurgia Robótica. Usa a escrita de poemas para a sua realização pessoal, por puro deleite. Os poemas sempre ocupam um espaço especial na sua vida corrida, imbuída em salvar vidas. Nas letras encontra a Paz que precisa para enfrentar o correr da rotina médica. Apresenta um livro cheio de textos e poemas para serem apreciados! Textos publicados na Antologia "MAPEAM" (FOMENTO LITERÁRIO), na antologia "Amor & Esperança" (EDITORA PANÓPLIA), na Antologia "Águas de Março" (FOMENTO LITERÁRIO), e na antologia "Carta para minha Mãe" (LITERÍSSIMA).

ANATOMIA!

Esta situação é muito nova!

É um novo mundo, vindo! E pode ser encarado como um novo fim!

Acho que deve ser encarado não como um fim, mas
Como um novo recomeço...

Seja você! Se entregue! Negue tudo que havia, para você em mim!

Negue tudo o que tinha sido até então, você para mim!

Esqueça assim, então, este antigo meu coração,

E Viva! Viva esta a sua verdadeira era de vida!

Viva e seja você cada novo estado seu.

Viva esta sua história de se ver no outro, como que mais que em um novo estágio...

Isto não cola! Nem mesmo se você me desse bola!

Veja e analise tudo aquilo que te integra!

Veja tudo aquilo que você me nega em qualquer posição obtusa em ti!

Leia! Vagueia!

Desbrida cada palavra dita por mim, e a você oferecida!

Disseque cada fonema meu, como brida!

E, bem lá no fundo, entenda

Cada expressão desenhada por mim, nesta minha simples
forma de escrever!

Entenda que cada ilusão, projetada por mim, nesta minha
forma de me expressar em você...

Vem surgindo, e está se construindo...

Cada vez mais em um padrão mais e mais anatômico:

Com este jeito meu de ser... Simples, e eternamente
apaixonado por você!

E ainda mais, impossibilitado de qualquer chance de um
fim e bem dito por mim,

Coloco-me firme e, desavergonhadamente, para você eu
digo:

Este não pode ser o nosso fim!

Se fosse assim, seria apenas um breve sinal da certeza de
um nosso novo recomeço.

Dôca Marques

CAMINHAR FAZ BEM!

Caminhando na areia, hoje, durante uma reflexão
Sobre o fato da vida não ser assim, tão redonda,
Encontrei uma moeda de 10 cruzeiros...
Isto mesmo, dez cruzeiros, emitida em 1991,
Ou seja, há 26 anos...

Por que motivo ela estaria ali? Alguém a perdeu? O mar a devolveu?

Mesmo depois de tanto tempo?

Teria sido de alguma criança que ficou sem o seu sorvete?

Teria ela o precioso destino de, depois de tanto tempo, despertar esta minha reflexão?

Agora com a moeda na mão retomei o pensamento:

A vida não é mesmo redonda como é esta moeda.

Nem é octogonal, nem quadrada e nem mesmo uma reta.

Ela é, eu diria, disforme! Não há uma maneira de colocá-la no papel...

Pelo menos da maneira gráfica, como estamos acostumados.

Pois, a cada dia, ela toma um rumo diferente, uma direção distinta.

Disformismos à parte, ao final da primeira metade da minha caminhada,

Dei meia volta e vi que as minhas pegadas na areia estavam parcialmente apagadas pelas ondas.

Algumas permaneciam ali, intactas! Outras parcialmente apagadas.

Umhas mais profundas, outras superficiais e outras eram disformes, como a vida...

Parei um pouco para mais uma reflexão:

Parado, eu não conseguia fazer outras marcas na areia,

Olhando as minhas pegadas anteriores, via que eram distintas,

Diferentes umas das outras.

E pior: na minha frente, não via nenhuma nova pegada...

Naquele momento senti que é preciso caminhar,

E pra frente! Para deixar marcas, para deixar pegadas...

Mesmo que estas sejam apagadas, total ou parcialmente

Por este magnífico mar que é a nossa vida.

Pois, para mim, a vida adquiriu uma nova forma: a forma de mar...

E ainda mais: assumiu o poder das suas ondas.

Que apagam ou não as nossas pegadas.

Que devolvem ou não cada uma das coisas que no dia-a-dia colocamos nela:

Nossos amores, nossas dores, nossos pesares, todos os nossos prazeres e decepções.

E que um dia, mesmo anos depois...

Todos estes instrumentos e eventos, em forma de passos, Serão a nós devolvidos, da mesma forma que aquela moeda.

Porém, não tão redonda e nem mesmo tão limpa,

Mas plenamente ciente do seu papel que ela teve ao tocar o coração

De alguém que passou a não mais ver a vida de uma maneira assim tão retilínea...

Dôca Marques

CONFRARIA

Eu aqui, alheio a tudo o que está acontecendo com vocês
aí!

Quisera eu estar ao lado de vocês! Amigos diletos!

Perfeitos companheiros! Vizinhos de vários ninhos...

Pelas nossas preferências, tão comuns, tão afins...

Dentre nós, uns afeitos aos outros, absolutamente adeptos,

Uns pelos outros...

Nossas mulheres acham que ficamos,

Nestas reuniões, divagando...

Falando bobagens...

Mas, no fundo, elas não sabem que, dentre outras coisas,

Falamos delas!

E bem! Falamos da dedicação, do carinho...

Falamos da cama, do ninho...

Falamos do quão importantes elas são para nós!

Seres sublimes que habitam as nossas vidas e
pensamentos!

E sem as quais, não existiríamos!

Claro! Falamos também de outros assuntos...

E, quando juntos, extrapolamos...

Mas, não que estes assuntos venham ao acaso...

Melhor ficarmos apenas nos elogios a elas

Que são o nosso guia, neste nosso eterno dia-a-dia.

Elas são personagens marcantes, mais do que elegantes...

E que em cada momento de cada um dos nossos viveres...

Continuem ativas, vivas! Quase que divas!

Atuantes e presentes!

Elas são seres fundamentais, que, se nós não nos cuidarmos,

Em breve, tomarão conta de nós!

E permanecerão eternamente em nós!

Não seria melhor assim?

Não tenho a mínima pena de mim!

Dôca Marques

FINITUDE

E de repente, do nada,
A gente se vê diante da finitude da vida!
E sem qualquer explicação, um amigo que jantaria comigo
ontem
Já não está entre nós... E não consigo entender o porque.

Onde mora a razão? Onde fica a minha emoção ao receber
esta notícia?

Será que tenho estrutura para entender esta total falta de
critério?

Esta total falta de escrúpulo? O que eu devo a este
pseudo-Deus, dono de tudo?

Ou será que não existe Deus nenhum? Ou será que
seríamos nós nossos próprios Deuses?

Deus este que, do nada, me tolhe da companhia de um
amigo, de uma hora para a outra...

E que, com certeza, nunca mais poderei desfrutar das suas
boas conversas.

Onde fica a compreensão disto tudo?

Será que vou ter coragem de me envolver outra vez em outras novas conversas?

Sabendo-me assim, um ser absolutamente dado ao acaso...
Não posso nem me dar ao luxo de saber se terei um amanhã...

Luto! Não luto como um luto, mas luto, para ser mais...

Para ser mais, e para fazer e contribuir mais e mais...

Para que, quem estiver ao meu lado, precisando de mim,
Esteja pleno e receptivo com o que eu possa oferecer para ele.

Luto para que, mesmo que tenha eu um mínimo a oferecer,

Ou que eu seja... Qualquer coisa que eu possa oferecer!

Seja eu um instrumento... E que possa eu fazer deste momento,

Um momento que não consegui dividir com aquele meu amigo.

Que eu consiga conviver com você, seja quem você for,
este meu outro amigo,

Um instante de pleno prazer!
E que possamos desfrutar este agora,
Livres de qualquer compromisso com esta tal de finitude
da vida!

Dôca Marques

FORÇA MOTRIZ...

Se coloque no meu lugar... Tente raciocinar como homem
que eu sou,
Desejoso do seu amor, da sua cama!
Tente relevar as um pouco suas convicções, as suas
incertezas!
Jogue às traças as opiniões dos outros...

Tenha apenas uma palavra em mente: leveza...
E mais, tenha também a sua certeza como palavra!
A certeza do amor que você sente por mim...
E de todo aquele algo a mais que você morre de medo de
dizer, e de assumir...

Esteja certa do desejo que você tem por mim, e que tenho por você...

E que seja colocada de lado qualquer dúvida, qualquer ansiedade.

E ainda mais... Que você jogue limpo com os seus sentimentos...

E que coloque, de uma vez por todas, um ponto final nesta nossa história inacabada.

Se entregue à sua felicidade...

Se entregue àquela sensação de prazer que é, por vezes, muito rara...

Àquela sensação que você às vezes pensa que nunca poderia ter sentido antes...

E que, outrora, foi mais do que desejada, e agora não pode ser

Propriamente aproveitada...

E... Antes de me amar ainda mais... Antes de me desejar ainda mais...

Se ame! Permita-se ser amada... liberte-se... Seja você!

Se dê por vencida, por mim... por nós dois...

Por alguém que pensa em você 24 horas por dia...
Que te deseja 24 horas por dia... E que faz da sua vida... a
minha vida!

E que faz ainda mais: Faz deste desejo, deste prazer
inimaginado,

A força motriz para a vida que um dia teremos... pelo
menos do meu ponto de vista.

Força esta que se transformará no nosso desejo realizado!
Sabe? Aquela coisa que você sempre imagina, e que um
dia haverá de acontecer?

E que se transformará no mais gratificante acontecimento
Desta nossa, ainda inadequada e inconformada vida...

Tenho certeza: Será a mais sublime experiência...

Será, certamente eterna!!! Quase que como uma fusão de
duas almas!

E, por estar ao seu lado, e, por você supostamente ter, em
pensamento,

Permitido este nosso milagre... Este nosso encanto,

Terá cedido... a esta paixão! Sem maus pensamentos ou
divagações.

Desta forma, me colocando como alguém que,
apaixonado que é, e que está... por você,

E mais... Vivenciando cada segundo de prazer que tenho
ao estar ao seu lado,

Mesmo distante, mesmo com o passar dos anos e mesmo
só ao telefone,

Estarei eternamente convicto de que:

Viver, cada um destes momentos valeu a pena!

Dôca Marques



AURICÉLIA MELO FEIJÃO

Residente em Crato-CE. Idealizadora e Coordenadora do Projeto Leitura na Praça. Ens. Superior: Universidade Regional do Cariri - URCA.

@psicopedagoga_auricelia_melo / @auriceliamelofeijao

<https://www.instagram.com/auriceliamelofeijao/>

MEUS SENTIMENTOS

Como eu gostaria de dominar completamente meus sentimentos,

Mas os meus pensamentos são bem mais profundos e comoventes.

Tem horas que eu quero simplesmente voar,

Já em outro tempo prefiro ficar presa com o meu linear.

Eu me preocupo e me preparo para perdoar,

Algumas coisas que me fizeram chorar.

Quem sabe um dia eu venho me aperfeiçoar,

Com tudo o que tiver que ficar.

O que eu quero é um ombro amigo,

No qual eu possa confiar.

E até desabafar,

Com minha maneira de pensar.

Não vou me afogar,

Pois o que eu quero mesmo é me libertar.



CAMILO DE LÉLLIS FONTANIN

Camilo de Lélis Fontanin nasceu em 1962, na Cidade de Americana. Apaixonado por Livros de Romance, Contos, Crônicas e Poesias. Escreve para a coluna "Universo dos Livros", para a editora Panóplia. Prefaciou a antologia "As Tâmaras de Jesus" e participou das antologias "Cartas de Amor", "Ouvindo as Estrelas", "Cantando Auroras" e "Amor & Esperança".

MEUS PAIS, MINHA IRMÃ E EU...

Quando eu era criança, ficava fascinado ao olhar para as gotículas de chuva penduradas nas cordinhas do varal de roupas. Em um desses momentos, meu pai chegou de mansinho ao meu lado e me disse:

– Você está admirando essas gotinhas? O que mais te chama atenção nelas?

E eu não sabia como responder-lhe ao certo, deixei escapar que eram o formato e o brilho delas... Então, ele tornou a me perguntar senão era o fato delas estarem penduradas uma após a outra... e eu lhe respondi que sim, era muito impressionante a sequência delas todas iguaizinhas...

E, então, ele concluiu:

– Fui eu quem as pendurou desse jeito.

E, para completar, minha mãe, não deixando por menos, finalizou:

– E eu ia recolhendo uma por uma e passando para o seu pai poder pendurar.

Porém, não era só eu que ficava fascinado pela chuva e o que ela nos trazia. Minha irmã Ângela também,

a seu modo, gostava tanto de ver os benefícios da água que caía, quanto as brincadeiras dos nossos pais. Ela sempre foi mais brincalhona que eu.

Lembro-me, com de ternura, de um Natal da nossa infância, em que minha irmã pediu para os nossos pais uma centena de gotículas de chuva para ela também poder pendura-las no varal de roupas das suas bonecas.

Eu não consigo lembrar-me de como nossos pais saíram dessa, só me recordo de que nós dois ficamos muito felizes com os nossos presentes de Natal...



CARLA NUNES

Sou Carla Nunes, professora da rede pública do Rio de Janeiro. Apaixonada por animais. Educadora e ativista ambiental, desenvolvendo a escrita afetiva para promover a inclusão e a sustentabilidade.

SENTIMENTALIDADES

O que é sentimento?

Quais emoções

Ele esconde por dentro?

Qual o sentido de sentir

Quando se vive sem dividir?

Que sentimento te move?

A raiva que sua mente engole

A paixão que no peito explode

Ou a esperança em dias melhores?

Externar o que se sente

É demonstrar fraqueza?

Ingenuidade inconsciente

Ou veemente certeza

De que sua liberdade de ser

Não será julgada com estranheza?

Guardar os sentimentos

Te fragiliza,

Te torna vulnerável?

Ou pelo contrário,

Te faz forte

E inabalável?

Se te perguntam como se sente

Para não incomodar,

Você mente?

Ou usa a verdade

Para confidenciar

O que lhe vem à mente?

O sentimento de medo se torna gatilho

Diante de estímulos opressivos

Encare o medo

E cultive pensamentos positivos

Sentimento que contagia, é a empatia

Que vence a melancolia, é a alegria

Que supera a dor, é o amor

Em momentos de temor, bom humor

Que liberta do rancor, é o perdão

No ato de estender a mão, a compaixão

Que essa poesia e sua inspiração
Traga ao coração
Em momento de reflexão
Autoestima, resiliência e gratidão.



CARLOS FREDERICO

Docente com 3 Especializações e 90 livros publicados.
Atua: Literarte, Alpas.21, Academia Letras de Teófilo
Otoni, Alspa, Alaf, Núcleo de Letras e Artes de Lisboa e
de Buenos Aires. @carlosfredericoescritor

A ESCRITA DA PERIFERIA

A sua escrita já é um ato de resistência a toda situação existente no país. A dificuldade de o acesso ao conhecimento, diante da realidade cotidiana. As poucas bibliotecas disponíveis ao público leitor e valor dos livros que se situa bem acima da capacidade de compra da maior parte dos leitores. Falamos da escritora mineira (natural de Sacramento) Carolina Maria de Jesus que ultrapassa as barreiras convencionais, mesmo sendo uma catadora de lixo e chega às livrarias brasileiras. É sucesso de crítica e de público, nos anos 70. A forma narrativa das suas memórias e as reflexões sobre a vida tornam Carolina uma voz diferenciada em nossa escrita. Temos a revelação da vida dos menos privilegiados. Utiliza-se de uma sabedoria e criatividade que surpreende os seus primeiros leitores na obra: Quarto de Despejo - diário de uma favelada.

A censura, a discriminação, o amor, as alegrias e desigualdade social pertencem a sua temática, ao longo de seus textos, muitos deles ainda inéditos em livro.

Diversos originais revelam a pluralidade de estilos desta escritora que produziu durante a sua vida. É uma grata surpresa para as editoras que finalmente renderam-se ao seu talento e desejam lançar a sua obra completa. O seu realismo choca aos menos avisados das periferias das grandes cidades, sobretudo o Rio de Janeiro, no qual a autora viveu boa parte da sua existência. É assim apresentado o acúmulo de mazelas, em meio a riqueza de parte da cidade. Tal fato resulta numa escrita fiel a situação brasileira. Uma escritora para adiante do seu tempo.



CAROLINE COSTA

Caroline é uma escritora que desde jovem se aventura no mundo da leitura e escrita. Não só de livros como da própria vida, das pessoas, alcançando, com sua sensibilidade, diversos mundos e dimensões, traduzindo em palavras seu estar no mundo. Em seu bairro de coração chamado Coroa Grande ela se conecta com os mais diversos elementos da natureza, se inspirando para reunir pessoas em torno da leitura com potencial terapêutico em uma prática chamada Biblioterapia de Desenvolvimento. Tem como formação as graduações em Letras, Pedagogia, Especializações em Educação a Distância, Língua Portuguesa e Literaturas e Arteterapia.

COM A PALAVRA, CAROLINE

Sou daquelas pessoas que, desde que aprendeu sobre o significado das palavras como forma de energia, delas nunca mais se afastou. Foi por meio das palavras que curei minhas mais profundas dores, que acessei meus mais profundos sentimentos, que transformei em espelho que refletia emoções e sentimentos que pude nomear por meio delas.

Primeiro foram os diários, onde registrei tantas versões inacabadas de mim. Da intensidade latente da passagem da infância para a adolescência criei registros que se tornaram verdadeiros passaportes nessa viagem mágica do tempo revisitando minha história.

Depois foram os poemas traduzindo dores de amores não correspondidos, palavras que não me deixaram sufocar com aquilo que fui incapaz de dizer, versos que escancaram um coração aventureiro e algumas vezes desventurado.

Até que percebi que algumas realidades eram tão duras que minha única sobrevivência emocional era me agarrar às palavras ficcionais. E ali dei asas à minha

imaginação criando novos universos que me permitiam morar dentro deles. Personagens que me acompanharam por toda vida, que até hoje tenho como grandes “amigos”.

Ora, mais natural que aquela luz no fim de tarde quando o sol se despede, foi ver que meus passos me levaram até uma formação em Letras. Aquela menina que saía da infância esbarrando com um editor de livros em sua escola e pedindo seu cartão informando que um dia o procuraria, pois estava escrevendo umas coisas por aí, se formou e se especializou em Língua Portuguesa e Literaturas.

E se tem algo que gosto tanto quanto Literaturas é de gente! Gente humana, gente de carne e osso carregando suas fragilidades e inconstâncias. Dessas, eu quis me aproximar por meio das palavras. Consegui isso quando reconheci nas palavras seu potencial terapêutico. Que cheguem até a mim cada vez mais humanos que queiram se encher de novas palavras, novas histórias, partilhar sua identidade, sua luz e sua sombra e transformarmos narrativas solitárias em cada vez mais narrativas coletivas, escrevendo novos capítulos de suas

vidas tendo nas palavras seu refúgio, sua potência, as
senhas que revelam a si mesmas e que as encham de
coragem para enfrentar as dores e delícias de serem quem
são!



CINDY MARCELLE PORTO DOS SANTOS

Encontrei-me na literatura durante um momento difícil da minha vida, e descobri o quão lindo é esse mundo. Mergulhei profundamente nessa jornada e percebi que a literatura não só me entretive, mas também foi a porta que abriu meu conhecimento e crescimento pessoal. Através dela, encontrei conforto, inspiração e novos horizontes para explorar.

RAÍZES DA ESSÊNCIA

Nossas vidas são como árvores majestosas, com raízes profundas entrelaçadas nas profundezas da terra, alimentando-nos com a essência de quem somos. É nessa conexão com nossas raízes que encontramos a verdadeira essência de nossa existência, onde cada fibra, cada célula, pulsa com a energia da vida.

Somos moldados pelas histórias que carregamos em nossos corações, pelos valores que nos foram transmitidos ao longo das gerações. Essas são as sementes plantadas por nossos antepassados, que germinaram em nós, dando origem a uma árvore única, com galhos que se estendem em direção ao céu, buscando a luz do conhecimento e da compreensão.

Mas a essência de quem somos vai além das memórias do passado. Ela reside no presente, na maneira como vivemos e amamos, na forma como enfrentamos os desafios que a vida nos apresenta. É a força interior que nos impulsiona adiante, mesmo quando tudo ao nosso redor parece desmoronar.

No entanto, muitas vezes, perdemos de vista

nossas raízes, distraídos pelas superficialidades da vida moderna. Corremos atrás de sucesso e reconhecimento, buscando preencher um vazio que só pode ser preenchido pela reconexão com nossa verdadeira essência.

É preciso voltar ao básico, mergulhar nas profundezas de nosso ser, para redescobrir quem realmente somos e o que realmente valorizamos. É como retornar às raízes de uma árvore, onde encontramos a solidez e a estabilidade que nos permitem crescer e florescer em todas as direções.

Quando nos reconectamos com nossas raízes, encontramos um senso renovado de propósito e significado. Descobrimos que a verdadeira felicidade não está nas posses materiais ou na fama passageira, mas sim na gratidão pelo presente e na aceitação de nós mesmos como somos.

É quando nos permitimos ser autênticos, sem máscaras ou pretensões, que descobrimos a verdadeira beleza de quem somos. É como uma flor que desabrocha sob a luz do sol, revelando sua verdadeira essência ao mundo.

Então, que possamos honrar nossas raízes,

celebrar nossa essência e viver cada dia com autenticidade e paixão. Pois é nesse espaço sagrado que encontramos a verdadeira plenitude e alegria de ser quem realmente somos.

Que possamos ser como árvores, firmemente enraizadas na terra, mas sempre buscando crescer em direção ao céu, alcançando novas alturas e descobrindo novos horizontes. Pois é assim que encontramos o verdadeiro significado da vida - na jornada de descobrir e viver nossa essência mais profunda.

A LUZ INTERNA

Na calma do entardecer, onde o sol se despede suavemente, há uma serenidade que toca o coração. É nesses momentos simples, entre luz e sombra, que os mistérios da vida se revelam.

Às vezes, esquecemos a beleza das pequenas coisas, enquanto corremos atrás do tempo. Mas basta um instante de pausa. Um instante para sentir a brisa acariciar a pele, para ver o sorriso de alguém querido,

para abraçar a ternura de um momento compartilhado.

Dentro de cada um de nós, há uma luz única, um propósito que espera ser descoberto. Mesmo quando parece distante, ela está lá, brilhando suavemente na escuridão.

Quando nos alinhamos com essa luz, quando permitimos que ela nos guie, descobrimos a verdadeira magia da vida. Tornamo-nos parte de algo maior, uma dança de almas em sintonia com algo que nos toca profundamente.

Que possamos sempre buscar essa simplicidade, esses momentos que nos tocam profundamente. E que possamos encontrar em nós mesmos a coragem para seguir essa luz, onde quer que ela nos leve.



CLAUDINHO DVD

Artista plural e diversificado com trabalhos autorais na música e com trabalhos literários em Feiras Literárias e Saraus, com poemas publicados em livros de antologias poéticas e de contos. Escreveu o livro infantil “As Aventuras do DVDzinho - o menino poeta” (editora Filos) e o livro “Poesias - a saga de um coração” (editora Albatroz/Saramago), lançado na Bienal. Recebeu a Titulação e Qualificação de Polímata da Academia Independente de Letras e da ordem Literária SCRIPTPRIOM. Ganhador da Comenda de Príncipe dos Poetas Brasileiros, membro efetivo imortal da Academia Mundial de Letras da Humanidade.

NAS TEIAS DO SENTIMENTO

Perdido em mim
No labirinto do meu ser
Bem perto do fim
Do começo do querer
Algo tipo assim
Difícil de se entender
Linda flor do jardim
Em pleno florescer
Perfume de jasmim
Explosão de prazer
Represado no interior
Oculto na mente
Inocente amor
Pulsando forte latente
Em combalido coração
Desprezado friamente
Caminho de ilusão
Procurando a saída
Dessa triste situação
Desencontros da vida

Verdadeira prisão

Nas teias do sentimento

No fundo do meu porão.



DÉBORA ORIENTE

Débora de Lourdes Felix do Oriente, natural de João Pessoa - PB. É licenciada em Letras-Português (UNAVIDA), também em História Geral e do Brasil; Especialista em Literatura Brasileira, Redação e em História do Brasil. Sempre gostou de ler. Escreve Contos, Crônicas, Fábulas e poemas. Participou de algumas antologias: “Assalto frustrado” - FioZine 2021; “Seria mesmo um fantasma?” - Antologia Noites de terror ED. ETL; “A Locomotiva” - Antologia Histórias da vida real ED. QUIMERAS; “Querida Ame” - Antologia Toda forma de amor ED. L. ILIMITADOS; “Apesar de tudo, venci” - Antologia Elas podem ED. LITERARIA+. É uma contadora de histórias, crê em Deus e não desiste fácil dos seus sonhos.

A VERDADEIRA INTENÇÃO

Ele estava lá, a olhar e encarar a mim. Cabelos pretos, pele clara e um nariz enorme. Apesar do defeito, até que ele era bonito. Uma plástica resolveria tudo. Com ele a mirar aquele olhar fulminante, comecei a encará-lo também.

Algo naquele olhar me atraía. As críticas das minhas amigas eram inevitáveis. Passei a escutar coisas do tipo: "Até que é bonitinho, se não fosse aquele nariz." Falava uma delas com olhar enjoado. Mariana não aguentava mais, preferindo ficar calada, já que trabalhavam juntas, evitava discussão.

Numa tarde notei que o rapaz paquerador se aproximou da loja em que trabalhava com ar meio tímido, disse:

— Olá!

No primeiro momento fiquei muda, pensativa a observá-lo. Dizendo comigo "até que enfim ele veio falar comigo". Como não respondi, ele insistiu: — Olá! Estou falando com você.

— Oi, tudo bem? Desculpe-me estava distraída. —

Tentei disfarçar.

Depois desse início de diálogo, ficamos algumas horas a trocar ideias. Conhecendo-nos melhor. Porém, esse rapaz não era como os outros, que chega e logo chama para sair. Muito pelo contrário, ficou falando sobre vida eterna, salvação. Como nessa época eu era um pouco cética, o achei meio maluco. Mesmo assim, queria a todo custo roubar um beijo dele, ainda não tinha surgido a oportunidade.

Passamos a conversar todas as tardes no intervalo para o lanche. Enquanto eu tentava atraí-lo contando o que gostava de fazer, ele simplesmente dava continuidade a aquele papo de vida eterna. Num desses pequenos encontros, aproveitei e taquei-lhe um beijo, um selinho. A reação dele foi totalmente o contrário ao que esperava. Repreendeu-me e disse que a intenção não era esta. Então irada perguntei:

— Por que aquelas olhadas intensas para mim, se não havia nenhuma intenção?

A resposta que ele me deu ultrapassou todas as minhas expectativas. — Marina, a intenção em aproximar-me de você foi para que tivesses a oportunidade de saber

que existe um Deus que nos ama incondicionalmente. Você nunca vai compreender sua verdadeira identidade a não ser que estabeleça firmemente em seu coração que és filha de Deus. Uma das maneiras de amá-lo é reconhecê-lo como Pai e viver segundo as suas regras. Jesus fez muito por nós e tudo que pede em troca é que olhemos para Ele e o exaltemos nos corações e nas palavras.

Caramba, ele falou estas palavras com tamanha inspiração que fiquei como que hipnotizada e ao mesmo tempo admirada. O olhar dele brilhava muito. Não tive palavras para mais nada. Por fim, convidou-me para irmos à igreja que frequentava. Não tive coragem de recusar aquele convite tão profundo. Fiz que sim com a cabeça, sem acreditar.

Tudo não passara de um equívoco de minha parte. Enquanto eu achava que ele estava interessado em mim, encarando-me daquela forma, o rapaz de nariz grande queria apenas que eu conhecesse a Jesus, o Salvador.

Graças a ele hoje sei que existe um Deus capaz de suprir todas as minhas necessidades em amor.

CONFIANÇA ROUBADA

Da janela do meu quarto a observar o orvalho da manhã, recordei-me de como os anos passam depressa e que quando percebi, não sou mais uma jovem ingênua e ansiosa, cheia de sonhos e paixões. Com o desenrolar dos anos, notei como a vida nos prega peças e surpresas. Num momento você está no topo da felicidade, em outro momento, no fundo poço das aflições. Tem um versículo da Bíblia que diz que “a tribulação é momentânea”, e conseqüentemente, a felicidade também o é. Chega-se à conclusão de que nada permanece tanto tempo. Mas, creio o suficiente para serem inesquecíveis, seja na alegria ou na tristeza. Tudo nos traz um ensinamento, basta apenas prestarmos atenção para não repetirmos os mesmos erros.

Outro dia, na época da escola, no Ensino Médio, fiz amizade com uma garota chamada Elisa. Esta jovem tornou-se minha melhor amiga, confidente e cúmplice. Como eu era muito tímida, confidenciei para ela uma paixão que tinha por Augustus, colega de turma. Como acreditava cegamente que a nossa amizade era verdadeira,

não pude perceber que o comportamento de Elisa era estranho comigo.

Algumas das minhas colegas tentaram avisar-me, porém, sem sucesso. Até que um dia, andando pelos corredores do colégio, vi Augustus indo em direção a torre do relógio, tomando o maior cuidado para que ninguém o visse, pois a entrada ali era proibida. Resolvi segui-lo. A ansiedade dominou-me, porque estava determinada a declarar todo o meu amor por ele. Quando consegui entrar na torre, vi que a escuridão, de início, dominava o ambiente. Prossegui.

Mais adiante uma luz fraquinha iluminava uma pequena sala cheia de máquinas. Ao aproximar-me escutei umas vozes, sussurros, e para minha surpresa e decepção vi Augustus e Elisa aos beijos, completamente envolvidos pelo romantismo do momento. Antes que me vissem, saí correndo com lágrimas a escorrerem pela minha face abatida. Peguei minha mochila e fui embora. Passei dois dias sem aparecer no colégio.

Depois do susto, tomei a decisão de afastar-me dela e continuar minha vidinha de estudante. Elisa nunca soubera da minha descoberta. E nem o Augustos do meu

amor platônico. Não o culpo pelo ocorrido, afinal de contas, ele não sabia dos meus sentimentos. Mas, ela sabia e mesmo assim, não levou em consideração o que eu sentia por ele.

O que aprendi com isso? Bem, que não devemos ser indignas da confiança que alguém, por algum motivo, deposita em nós. E que perdoar é preciso e necessário para ter uma vida em paz e equilibrada, principalmente, nos momentos de tristeza e alegria. E que devemos pôr nossa confiança exclusivamente em Deus, porque sem Ele nada somos.



DÉBORA REIS

Débora Reis tem 20 anos e é natural de Manaus, Amazonas. Atualmente está cursando o quarto período de licenciatura em história. Começou a escrever poesias aos 12 anos e cultiva desde então o amor pela poesia.

PARA VOCÊ

Que transformou minhas ruínas em arte
Meu caos em sossego
Minha ira em paz
Que me fez virar casa
Que se fez meu lar
Para você
Que me arranca os mais sinceros sorriso
Que me mostra a vida boa
Para você
Que me faz enxergar além do que os olhos podem ver
É a você que dedico todos os meus versos
É você que sempre dedicarei todos eles

SOLIDÃO DE MÃE

Veza ou outra ela imaginava sua vida
Longe deles
E que problema há?
Se imaginar lá fora

Se questionar se realmente tinha que ser agora

Sente medo

Se apavora

Então chora

E se volta a realidade

E vê eles ali

Brinquedos ao chão

Paredes riscadas

Já faz tempo que a tv só passa animação

Ela admira aquilo por um instante

Então novamente

Ela chora

Se questionando no que pensou em um instante

Não quer sua vida sem eles

O que seria dela sem isso tudo?

O que seria dela sem eles

Se eles passaram a ser a vida dela

Ela não quer eles longe

Ela quer eles perto

Mas também quer alguém por perto

Para que possa cuidar dela



EDER DINIZ

Eder Carlos Cardoso Diniz nasceu em Dourados (MS), há 51 anos (1972), atualmente mora em Xique-Xique (BA), sendo professor do IFBaiano. Formado em história e mestre em educação, ambos pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Escritor, poeta e militante das causas sociais e educacionais. Num mundo cheio de muros e barreiras, se considera um nômade, tendo morado em vários estados e cidades do Brasil e de Portugal.

NÔMADE

Nômade em sua terra

Nômade ele era

Ele buscava a si nos outros

Livre, leve, solto

Preso em seus pensamentos

Ou livre como o vento

Sua busca era em vão

Insano ou são

Viagens, mochila, pés no chão

Olhares nos bosques, na terra

Olhares incertos, na certeza da procura

Poderia ser uma doença ou cura



EDILEIDE SILVA

Edileide Silva, mãe do Klayton, professora aposentada da Rede Municipal de Duque de Caxias, pedagoga e musicista. Faz parte dos coletivos “Iluminuras Docentes - 2016”, “Encantadores de Letras - 2017” e da antologia digital “Cartas de Amor, um tributo ao amor proibido de Abelardo e Heloísa - 2021”. Vive seus dias cantando, tocando, vendo um bom filme, assistindo séries, pintando, crochecendo e viajando. Amante de artes e trabalhos manuais. Gosta muito de ler, principalmente em voz alta, e escrever a mão. A Bíblia é sua maior fonte de inspiração.

ACEITA UMA XÍCARA DE CHÁ?

Quem nunca disse um dia “Toma uma xícara de chá para relaxar”.

Essa frase percorre todos os lugares que podemos imaginar, do mais pertinho aos mais distantes que houver. Fico a pensar, que as pessoas que dizem isso, não precisam do chá para tal finalidade, talvez, por beberem sempre, estão sempre calminhas.

Eu só sei que um chá quentinho ou gelado faz bem e não importa a quem.

De camomila, erva-doce, cidreira ou maracujá, servem para acalmar o corpo, a alma, a mente e o coração. Quando do corpo e da forma queremos cuidar, que tal o chá de hibisco para ajudar?

Dizem que o de louro é o mais completo, para qualquer coisa que acontece, temos algumas folhas secas por perto.

E aquela xícara de chá quentinho ao deitar, faz a gente não querer levantar para levar a xícara na cozinha.

Os de maçã com canela, abacaxi com hortelã e o de capim-limão, mexem com a emoção, pois sentir seus

aromas numa suave e lenta inalação consegue nos transportar para um pomar ou um lugar bem verdejante.

E você, aonde uma xícara de chá te leva?

Quanto a mim, prefiro guardar, pois aonde vou é um cantinho que tomei posse e é só meu. O lugar é lindo, cheiroso e gostoso, só para você saber. Lá reina cores, aromas e sabores.

Chá... Com açúcar, sem açúcar, com adoçante ou com mel, onde estamos se torna um pedacinho do céu, pois no calor vem refrescar e no friozinho aquecer.

Chá para despertar...

Chá para relaxar...

Chá para celebrar...

Chá, sempre nos faz bem em várias situações.

Apreciado com uma boa música ao fundo, sentada no sofá, de frente para a televisão ou até mesmo sem nada ligado, na varanda, na rede, no terraço. Olhando para o chão perdido nos pensamentos ou não pensando em nada. Ao ar livre, em silêncio contemplando a natureza, a imensidão, quase ouvindo as batidas do coração.

Bom também é ver a xícara descansando no pires durante as viradas de páginas da Bíblia, de um bom livro

ou da troca de tela do celular ou outras mídias.

Tem chá que precisa de uma xícara especial... Aquela! Aquela que você comprou ou ganhou de alguém numa data ou momento importante. Quer seja de porcelana, de vidro, de louça ou de plástico, o chá fica melhor ainda quando temos boa companhia.

Chá em qualquer ocasião!

Durante a semana à tarde para as amigas rever, acompanhado de um belo lanche e fazendo crochê. No final de semana, para bater um bom papo e relaxar após uma semana de trabalho. Chá, no dia que quiser, para a família unir, os laços estreitar e a amizade entre os amigos fortalecer.

Então...

Aceita uma xícara de chá?!

MERGULHANDO PROFUNDO

Estou aqui, no meio de tantas escritas:

Poemas, cordéis, versos, contos, poesias e alguns rascunhos.

Todos escritos por mim.

Sentada por horas, lendo alguns,

A pergunta que vinha diretamente era:

— Como eu estava ao escrevê-los?

Então, à medida que eu ia lendo...

Mergulhava em cada sentimento vivido naqueles momentos.

Em alguns, os sentimentos estavam escondidos.

Fechava meus olhos, prendia a respiração e ia...

Tive que mergulhar bem fundo para poder lembrar.

Em outros, era tão nítido o que sentia no momento,

Que lágrimas escorriam, pois lembravam sofrimentos.

Diversos eram tão cheios de verdades,

Pois eram relatos da minha vida...

Família, viagens, namoro, igreja, amizades.

Ô saudade!

Tinham muitos, carregados de dor,

Tudo por causa da minha entrega ao amor.

Mais pelos outros do que por mim.

E quando eu lia os fofos, repletos de carinho?

Era a expressão mais pura do meu amor,

Amor de mãe pelo meu único filho.

Tinham produções de vários gêneros.

Declarações, tristezas, orações e lamentos.

Mas também sobressaiam os de alegrias, esperança e canções.

Que me fizeram mergulhar num mar colorido de emoções.

Ah...

É tão bom ver registrados sentimentos, sonhos e memórias.

Pois a gente viaja no tempo, recordando nossas histórias.

E quando o coração demora a lembrar

Não se comoveu ou parece até que esqueceu?

Faz parte da vida, esquecer algo que aconteceu,

Ainda mais se ao virar a página,

Foi tudo entregue pra Deus.

Olhando pra frente, é vida que segue, mas...

Com o coração sempre atento.

Para poder olhar para trás

Sem arrependimentos ou ressentimentos.

Quando mergulhamos profundo em nossas lembranças

E voltamos à superfície contente

Temos guardado em nós um tesouro:

Vida vivida intensamente!



ELIANE MENEZES SOARES

Sou da geração X, ou geração Coca-cola, como preferirem. Sou Fotógrafa, Designer Gráfico, Social Media, proprietária do Estúdio EfeitoBemFeito, com cinco cursos publicados pelo Intituto Denver, na área de fotografia, produção de eventos e artesanato, além de produzir meus próprios cursos na área de papelaria personalizada. Sou Mãe da Giulia – amor da minha vida – e apaixonada por escrever, já participei de outra antologia “Cartas de Amor” da Editora Panóplia.

LIÇÕES DO PASSADO

Melissa atravessava as ruas do Centro do Rio de Janeiro aos saltos... seu coração estava quase pulando fora do peito. A emoção, a pressa e a ansiedade de encontrar com André e contar a ele as novidades tomavam conta de todo o seu corpo!

Sim, eram “novidades”, no plural mesmo. Mel, como era chamada por todos, havia conseguido passar no vestibular – o ano era 1978 e essa era a forma de conseguir vaga nas universidades públicas na época. A segunda novidade era ainda mais importante e mudaria suas vidas para sempre: - Mel estava grávida!

Em cinco anos de namoro, ambos se apaixonaram na escola, eles faziam planos de construir uma família, apesar da oposição dos pais, principalmente os pais de André, pois ele era de uma classe social mais abastada que a da família de Mel. Em contrapartida, os pais dela achavam perigoso uma menina humilde, que trabalhava desde cedo e conquistava tudo com muito esforço, se envolvesse com um jovem ‘mimado’ como André, que tinha suas vontades satisfeitas sem o menor esforço.

Mas, Mel acreditava no amor, nos seus sentimentos por ele, e na reciprocidade, embora o sentisse distante em algumas ocasiões, principalmente nas festas da família dele, onde ela geralmente não era convidada ou participava. Nas fotos sempre estava ao lado dele a Regina, uma 'amiga', que a família fazia questão que estivesse em todos os eventos e viagens, ao contrário de Melissa.

Um turbilhão de emoções e pensamentos a envolviam. Sequer percebeu que já estava em frente ao prédio que André trabalhava com o pai. Passou direto e alguns metros depois percebeu o erro e sorriu sozinha. Voltou, entrou na recepção e foi direto aos elevadores quando André já estava saindo de um deles, com uma feição preocupada e um quê de aborrecido.

— Você está louca? Sabe que meu pai não gosta que você venha até aqui. Fala logo o que quer, tenho que voltar logo ao trabalho, estamos numa reunião muito importante.

Aquilo já foi um balde de água fria, mas Mel respirou fundo e pediu que ele tivesse paciência e a levasse a um lugar mais reservado para que ela lhe

contasse as notícias.

Foram a um barzinho refinado e acolhedor, e André se dirigiu ao fundo do salão e puxou uma cadeira para ela sentar e pedindo que ela fosse rápida. Mel respirou fundo novamente. Entregou a ele o documento da universidade, confirmando sua matrícula no curso de Enfermagem. Ele olhou incrédulo, e deu os parabéns de forma fria.

— Era só isso? Interrompeu uma reunião importante pra me dizer isso? Podia ter dito no telefone e mais tarde sairíamos para comemorar...

— Não, amor. O mais importante está nesse outro documento — dito isso apresentou a ele o teste de gravidez.

Foi a última vez que se viram. André sugeriu a interrupção da gravidez, eles discutiram, o pai dele apareceu e disse que ela se virasse pois ele estava noivo de uma jovem da mesma classe social deles.

A vida seguiu, o pai de André enviou uma vultosa quantia para o 'procedimento' e nunca mais se falaram. Mel seguiu seus instintos e deu a luz a um menino que deu o nome de seu pai que a apoiou, apesar de ter

avisado sobre o que pensava do namoro da filha. Ramiro Neto foi a sua razão de lutar. Formou-se, especializou-se e tornou-se referência na enfermagem para tratamentos de pacientes psiquiátricos graves. Dava curso e palestras, viajava muito, levava o filho e os pais para todo lugar. Sua nova condição financeira a colocava em uma situação muito privilegiada. Possuía um apartamento luxuoso, carros de alto padrão, viajava para qualquer lugar do mundo hospedando-se em lugares maravilhosos.

Seu filho nunca perguntou pelo pai, mas seu coração nunca se refez do amor rejeitado, seus cacos nunca mais se colaram... ela sempre se perguntava como estaria o André nos dias de hoje... Passaram-se quarenta anos, ela tinha netos e uma neta linda. Casara, separa e a ilusão do amor de adolescente ainda a perseguia, até que foi chamada para analisar uma paciente difícil. Foi a uma casa de repouso luxuosa e lá conheceu uma senhora, chamada carinhosamente de dona Gina. Após várias entrevistas, acompanhando a equipe de especialistas da psiquiatria, constatou-se que a doença da senhora começou em seu casamento, escolhido a dedo pelos pais. Seu noivo era um homem mimado e sem sentimentos, sua

solidão era sufocante. Não gerou filhos, o marido infiel a manteve em um estado de frustração e vergonha o tempo todo. Um relacionamento tóxico, que não podia ser encerrado por conta das negociatas entre as famílias, muitas pendências financeiras que culminariam em falência de ambos os lados não permitiam a separação. Enfim, a infelicidade a tornou refém de sua mente ansiosa, triste e deprimida. Várias tentativas de suicídio a levaram a ser constantemente internada nas mais diversas e luxuosas clínicas. O marido tornou-se alcoólatra, frustrado por não poder viver uma vida aventureira. Mel tentou ser sua amiga, além de enfermeira e ouviu com carinho suas lamentações e histórias.

Mel pensava consigo mesma o quanto era feliz. Teve forças para lutar por suas conquistas, criou seus dois filhos, amava seus netos e deu o que de melhor poderia dar aos seus amados pais. Angariou vitórias materiais e possuía vínculos sólidos com sua família e amigos. Enfim, poderia se considerar feliz.

Alguns meses depois, dona Gina estava de alta e finalmente o marido iria buscá-la. Ela estava ansiosa para apresentá-lo a Mel, sua mais nova amiga. Ambas estavam

no saguão da saída dos pacientes quando a porta se abre. Adentra no recinto um senhor, muito idoso, olhar perdido indicando uma pessoa desiludida, frustrada, o cheiro de bebida o precedia... Passos pesados, suspirando com desdém perguntou a recepcionista por sua esposa. Ela indicou a cadeira na lateral da sala. Mel imediatamente reconheceu André... Quase perdeu o fôlego, mas se recuperou rápido. Ele sequer a olhou. Apanhou a esposa pelo braço como quem ajuda a um estranho na rua e sumiram nas escadarias...

Melissa viu seu próprio reflexo no grande espelho do salão e viu como ainda era uma mulher bonita e elegante... Sorriu para si mesma e disse...

— Parabéns, garota! Você é uma mulher feliz! — e seguiu com passos firmes até sair do outro lado do prédio e chegar na rua linda e arborizada, respirando o ar puro daquela manhã...



ELISABETE NASCIMENTO

Ensaísta, compositora, escritora e roteirista. Doutora em Ciência da Literatura/UFRJ; Mestre em Semiologia/UFRJ; Especialista em Literatura infantojuvenil/UFRJ; Especialista em História dos africanos e afro-brasileiros/PUC; Membro fundadora do Laboratório de Afrobrasilidades/LaborAfro, membro do Conselho de Igualdade racial de SJM/COMIRA, docente(credenciada) da Pós-graduação em Práticas de Letramento/IFRJ. Livros publicados: Diário de bordo do Almirante Negro; Os sapatos de Té; Luiza e Babi e o mistério do lago de Onira; Abayomi, minha amiga imaginária; O Bispo do Rosário. O Beija-flor que nunca pousa no chão; Ayná e D'Ori, a Árvore do Desesquecimento; Cisne Negro e a menina Rete; Exu no Paço Imperial; Ciranda de Meninos Aventuras masculinas; Amor de Abiku; Máscaras de flandres em fragmentos; Casarios da memórias; Oriverso a Tereza de Benguela; Contos Pro(L)ibidos.

NARIZ DE FOLHA

O dia foi deveras cansativo. Após a consulta com a Dra. Grada Andreia, eu esperava ansiosa chegar à casa, tomar um banho gelado, ligar o ar, rascunhar uma história sobre sentimentos escritos. Por eles, minha cabeça, ori de nega, se move em inúmeros arsenais. São eles, meus sentimentos mais secretos, que põem sentido na desordem das minhas devastações insondáveis. A simetência é meu apelido e, em meus poemas e contos, é preciso meter o nariz em tudo, principalmente entre pernas das folhas, no corpo enigmático das laudas, onde os sentimentos, uma vez escritos, vazam... Já exausta, pensei em dormir e só acordar com o sol a pino. Imaginava a cama me esperando, como um divã. Mas, a noite me preparou algumas surpresas. A falta de luz, visitas inesperadas, medo, pavor, angústia e desfechos insólitos... A ausência de iluminação deixou a casa na penumbra e eu na penúria. Será um apagão na rede elétrica? Estampido na alma?

Já preparada para um sono de imersão, ouço passos no sótão. Quem será, a essa altura? O medo

inundou meu corpo de adrenalina. A soneira fugiu desesperada, a sonolência caiu fora, deu no pé, bateu asas, e, em seu lugar, surge um enorme e incontrolável parágrafo repleto de armamento e de asas e mais asas da imaginação. Pronto! Minha casa foi invadida, pensei. Como eu iria achar uma das armas espalhadas pelos cômodos para enfrentar o ladrão, justamente numa noite sem luz. A temperatura passava dos sessenta graus de pânico e, sem ar-condicionado, eu acionei todos os recursos psíquicos de sobrevivência. Tirei meu salto, preciso ir à cozinha para pegar um fósforo, vela e um facão. E subir as escadas, pé-por-pé, sem fazer barulho e pegar um dos punhais espalhados pelos quartos. Isso mesmo, como moro sozinha, eu deixo uma adaga embaixo do meu travesseiro, um cutelo na gaveta do armário do banheiro, spray de pimenta sobre a mesa, uma arma de choque embaixo dos sofás, chaves de fenda enormes nos corredores. O soco inglês fica na biblioteca... Como último recurso, eu deixo embaixo da cama uma faca artesanal que fiz com algumas lâminas de gilete e em cima da mesinha, deixo um isqueiro e um vidro vazio de desodorante, mas cheio de gasolina. Nunca se sabe, né?

Mas, me sinto segura mesmo é com o machado duplo do rei da Justiça, com a adaga de cobre de mãe Oyá e com o facão de ferro de Xoroque. Lembre-se, eu carrego um fogareiro na cabeça. Explosiva. Muitos pensamentos me ocorrem. Ou me socorrem: — Saio de casa, nesta escuridão? Enfrento o desconhecido? Me escondo? Nesse meio tempo, eu ouço vozes no porão. Elas sussurram: Penetra! Penetra! Penetra! A sonoplastia completa o suspense, PENETRAÇÃO! E eu, já em estado de alerta, na verdade em desespero, imagino quem penetrou a minha casa para estuprar. Só pensei nisso e nada mais. Seria um estupro coletivo? Meu coração acelera. Preciso encontrar um telefone para ligar para a polícia. Droga, o aparelho não funciona sem luz. O celular desmaiou completamente sem carga. Nunca imaginei que eu ficaria tão excitada ou sei lá que nome é essa sensação em descobrir que um desconhecido penetra nas entranhas da minha casa. Repetidas vezes, ouço penetra, penetra, penetra. Era uma ordem incisiva Penetra! Penetra! Penetra! Será uma ordem de estupro, de estupro coletivo? Todo ladrão é um penetra. Um intruso. Estuprador. Os pensamentos vão longe, mas acendo uma vela, vejo apenas sombras.

Corpos se colocam a minha frente. Gigantescos com roupas compondo o cenário de suspense. Eu odeio filmes trash, terror... Eles invocam a Coisa em mim... meus estilhaços como no filme Fragmentado... Enigmáticos homens surgem, solidários: cineastas, poetas, dramaturgos, artista plástico, romancista, roteiristas, quadrinistas, circenses... E eu os desejo absurdamente. Me conectar. Se é que você me entende, né? Conexões geram explosões. Algumas imperceptíveis. Então, Ricardo, Marujo, Cuti, Medina, Feitosa, Pako, Kuerques, Cris, Idimarcos, Bollmann, Hedjan, Jacob, Moduan, Bigo, Klen, Rufino, Semog, Plínio... em uma só voz, eles declamam Penetra surdamente no reino das palavras. Eu os convido a um Banquete de Diotima, cabeça de negra e a fazer a escuta de meus sentimentos escritos. Penetrem, mas penetrem absurdamente, sem falo, em meu imaginário. E de repente, um estrondo. Uma explosão ficcional de magnitude extraordinária se propaga até o transformador. Ele também explode e anuncia o fim do apagão.

E assim, a energia elétrica se restabelece e a escuridão se dissipa sem que eu nada entenda das artimanhas literárias e da verdade psíquica. A psique não

mente jamais. E eu nunca menti, leitor. Eu espero que você meta o nariz nesta história, como um bom penetra, nariz de folha, que penetra absurdamente no reino da minha explosiva cabeça de nega, em meu buraco negro, quântico, úmido, rubro de sangue... Penetre em meu imaginário, este palimpsesto sagrado. Subterrâneo profundo, movediço, escorregadio. PENETRAÇÃO. Você é o meu penetra mais desejado, cobiçado. Para ler, a contento, só sendo penetra, um nariz de folha, um bicão, um intruso das letras a esgarçar as minhas carnes literárias, cheias de camadas, intrincadas. Insólitas. A minha tez tem cor. Minha psique também. Vem!



ELIZANGELA ALVES VIEIRA

Sou Elizangela Alves Vieira. Nasci em Jacarepaguá/RJ, em 1977, e meus pais se chamam Mario Alves Vieira e Acácia Dutra Vieira. Sou solteira, Sou Pedagoga, Professora, mediadora de leitura, contadora de histórias, recreadora. Atuo como professora de Educação Infantil, do Município do Rio de Janeiro. Sou voluntária dos Projetos Sociais: “Conquistando o Impossível”, dando aula de violão para iniciantes em Duque de Caxias. Sou irmã de 8 irmãos.

VIDA FELIZ SÓ COM JESUS

Deus criou o mundo para que o homem habitasse nele. Soprou o fôlego de vida, para que o homem tivesse sua essência. Nascemos para adorar a Deus e para agrada-lo e quando não fazemos isso, sentimos um vazio onde nada pode preencher, tudo entra em desordem. Mas quando nos voltamos para Deus nos sentimos completos, felizes e realizados. Deus é tudo o que precisamos. Ele nos completa! Não adianta viver sem Deus, e é por meio da fé em Jesus Cristo, para perdão de pecados, que temos acesso ao Senhor! Jesus é o caminho!

Recebemos de Deus um dom, o dom da vida, e precisamos valorizar as coisas boas os momentos bons da vida!



ELIZ VIEIRA

Sou Eliz Vieira Ferreira (Nome de Registro: Eliziaria Vieira Ferreira). Nasci em Jacarepaguá/RJ, em 1972, e meus pais se chamam Mario Alves Vieira e Acácia Dutra Vieira. Sou casada com Sergio Paulo Ferreira e tenho três filhos lindos que amo: Carolyn, Natã Paulo e Paulo Felipe. Sou Professora, Compositora, Cantora, Missionária, Artesã, Empreendedora, Empresária e Escritora. Atuo como Diretora dos Projetos Sociais: “Conquistando o Impossível”, “Biblioteca Comunitária Fonte do Saber” e “Jameleira Literária”, em Duque de Caxias/RJ. “A JAMELEIRA LITERÁRIA E A VOVÓ ELIZ VIEIRA” é o meu primeiro livro Infantil, que escrevi em homenagem à minha neta Eloah Vieira Cirino, a todas as vovós e vovôs e a todos os artistas.

O PODER DA AMIZADE

“Um amigo fiel é uma poderosa proteção: quem o achou, descobriu um tesouro.” Eclesiastes 6:14

É capaz de preencher inúmeras páginas com reflexões, exemplos e histórias inspiradoras. Ao longo dos séculos, a amizade tem sido valorizada como uma das relações mais preciosas que os seres humanos podem cultivar. Ela transcende barreiras de idade, cultura, raça e gênero, e desempenha um papel fundamental em nossas vidas.

Uma das principais características do poder da amizade é a sua capacidade de nos sustentar nos momentos mais difíceis. Quando enfrentamos desafios pessoais, profissionais ou emocionais, ter amigos ao nosso lado pode fazer toda a diferença. Eles nos oferecem apoio, encorajamento e uma perspectiva diferente, ajudando-nos a encontrar soluções para os problemas que enfrentamos.

Além disso, a amizade nos proporciona a oportunidade de compartilhar momentos de alegria e celebração. Desde pequenas vitórias até grandes

conquistas, nossos amigos estão lá para comemorar conosco, aumentando nossa felicidade e fortalecendo os laços que nos unem.

Outro aspecto importante do poder da amizade é a sua capacidade de nos desafiar a crescer e nos tornar melhores pessoas. Amigos verdadeiros nos conhecem profundamente e podem nos confrontar quando estamos agindo de forma prejudicial a nós mesmos ou aos outros. Eles nos incentivam a sair da nossa zona de conforto, a enfrentar nossos medos e a perseguir nossos sonhos com coragem e determinação.

Além disso, a amizade nos proporciona um senso de pertencimento e comunidade. Saber que temos pessoas em quem podemos confiar, que nos aceitam incondicionalmente e nos apoiam em nossas jornadas, nos dá uma sensação de segurança e conexão que é inestimável.

Em suma, o poder da amizade é uma força transformadora que enriquece nossas vidas de inúmeras maneiras. Ao investirmos em relacionamentos significativos e cultivarmos laços profundos com os outros, estamos construindo uma rede de apoio que nos

sustentará ao longo de toda a vida.

E possível ter amigos de verdade.

Me lembro da história de amizade de Jonatas e Davi, Jesus e João, Rute e Noemi. Foram amizades de paz, gratidão, respeito.

"Um amigo fiel não tem preço, é imponderável o seu valor. Amigo fiel é bálsamo vital" (Ecl 6,14-16)



EMANUEL AVILA RESTIER

Nascido em 2007, Emanuel Restier assumiu-se poeta precocemente, influenciado por professores literatos. Seu âmbito artístico manifestou-se, a princípio, na dança; mas não tardou a se desenvolver nas letras. Galga, no momento, de estilo e temática ecléticos, unificados por um visceral interesse na psique e vivência humanas.

SONETO DO MORTO-AMOR

Poderia eu amar-te, se és mera carne
Em decomposição do adoidado amor?
Na nublada e monótona, fria tarde
Na obliteração de todo seu fulgor?

No sepulcro repousaria eu contigo
Nós deitados sobre nossa própria lama?
Vivendo como amores adormecidos
Pela paixão que em nós não arde nem inflama?

Pois à morte entreguei-me mesmo tardando
Almejando sentir a revivescência
Do amor que outrora estava em mim esfriando

E não me queres agora? haja decência!
Veria-te, inda no fogo eterno ardendo
Sendo assim tu a causa de minha existência

O SER E O NADA

Nasço, enquanto humano, para ser.

A existência é fútil, se não vista.

Reduzo-me ao nada, oblitero-me

Pois, na inexistência viva

Para ser visto, esqueço-me.

E, tornando-me essa viva figura

Permito-me morrer

Abandonar minhas idiossincrasias.

Afinal, se eu sou, não sei

Sou aquilo que me veem sendo.

Ninguém desejará ver-me, se for-me eu.

E eu, sendo aos outros, eu não sou.



FABIANA LESSA

Fabiana Lessa nasceu e reside em Nova Iguaçu (RJ). É doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É professora da rede estadual do Rio de Janeiro e haicaísta. Possui haicais publicados em antologias, jornais, revistas e e-books. Também, publica no Instagram @fabiana.lessa_haicai.

HAICAIS

Brisa da manhã -
Uma oração silenciosa
de gratidão.

Tempo de verão -
A alegria de viver
cada dia intensamente.

Alegria à vista
no colorido da rua -
Flores de bom-dia!

Flores de verão -
A resistência da vida
nos vãos do caminho.

Outono chegando...
Ao som dos sinos de vento,
a paz interior.

Céu azul profundo -
A felicidade plena
num dia como este.

Cadeira vazia
na varanda da vovó -
Outono fenece.

Amor eterno -
A chama sempre acesa
na casa da avó.



FRAN ABREU

Natural de Buriti Bravo-MA. Escritora, Palestrante, Mestranda em Antropologia, Administradora; Gestora de RH Estratégicos; Especialista em GP; Psicopedagoga Clínica e Institucional; Socióloga; Teóloga; Membro da Comissão Especial ADM Mulher do CRA-PI; Participante do grupo “Piauí Poético”; membro da Coordenação do MNU-PI; Membro efetiva do CEPPIR; Líder do Comitê Igualdade Racial do GMdB-PI.

ATAVIOS

Então ela se ataviou de expectativas e desejos
e correu para encontrá-lo.

Tudo nela cheirava a felicidade

Arrumou os cabelos, avermelhou os lábios.

Passou seu perfume preferido.

Calçou sua sandália de salto alto.

Mil pensamentos passaram por sua mente,

era um turbilhão de pensamentos

que a própria mente estava a se atropelar.

Achou-se linda.

Linda para viver, amar e ser amada.

E ali era apenas o início do encontro...

Encontro consigo...

Encontro com a felicidade...

Encontro com a vida!

SENTIMENTOS DE CRISTAIS

Jorra dentro de mim,

incessantemente,

uma fonte de amor;
um oásis de sentimentos
que brota no coração
e se derrama por meus poros.
Sentimentos que me fazem
mergulhar no âmago da paixão
que exalam desejos
que traduzem amizades,
que traduzem amores.
Sentimentos puros e reais,
sentimentos sentidos
vividos, desejados...
Jóias preciosas - de grande valor.
Sentimentos de cristais finos...
Frágeis - fortes
mas que têm nomes preciosos
Eles são o amor, a amizade,
a paixão, o desejo..., enfim...
É você. Sou eu...



GAL PERDIGÃO

Nasci com alma de poeta. Cresci lendo e escrevendo poesias. Publiquei meu primeiro livro Poemas na Quarentena em 2020 durante a pandemia da covid 19. Sou coautora de várias antologias poéticas, além do livro de roteiros “Dos Filmes que ainda não fizemos” com o texto O Sonho de Tom (2021). Mulher, mãe, nutricionista, escritora e poetisa, hoje sigo feliz nutrindo almas.

Instagram: @galperdigao

ESCOLHAS

Falar de sentimentos é olhar para dentro. Eles percorrem o ser inteiro, vagueiam pela mente e se abrigam no coração. Sentimento é a linguagem da alma, que necessita ser ouvida. É luz, mas também sombra. Luta com a razão, que tenta impor sua força e, como rocha, resiste a toda e qualquer abrasão.

O sentimento é como água, flui e se dissolve; ouve a voz da intuição e se expressa, às vezes, manso e delicado, outras vezes, intenso e irado. Nasce com o ser humano, enquanto a razão depende também do aprendizado...

O sentimento necessita de equilíbrio, conquistado pelo exercício diário do amor e da gratidão.

Vale lembrar que, se for alegria, viva todo dia.

Medo? desafie.

Raiva? expresse e transforme.

Tristeza? acolha e depois liberte.



GILSON SALOMÃO PESSÔA

Gilson Salomão Pessôa é Funcionário Público formado em Jornalismo pela UFJF. Colunista com dois livros publicados, participou de antologias lançadas pela Revista Conexão Literatura e pela Editora Panóplia. Dentre os seus livros publicados estão o romance "Histórias de Titãs Quebradiços" e o livro de Poemas "Um Suspiro Resgatado", ambos pela editora Autografia. Ganhou por três vezes o prêmio literário de melhor conto em Matias Barbosa.

O SEGREDO DOS LUMINARES - PARTE 1

Em um futuro distante, a humanidade abandonou a Terra por falta de recursos e o que sobrou de sua população habita uma gigantesca estação espacial chamada Celestial Horizon, em órbita ao redor de um sol longínquo com avançados laboratórios de pesquisa, instalações de produção de alimentos e módulos residenciais com vistas panorâmicas. Equipada com tecnologia de propulsão avançada, seu objetivo principal é estabelecer uma presença humana sustentável no cosmos.

A sociedade por sua vez é governada por inteligências artificiais avançadas conhecidas como os Preservadores, que obviamente pregam o raciocínio lógico e o pragmatismo, desencorajando qualquer espécie de emoção ou empatia. Eles doutrinam que ceder aos instintos humanos básicos foi o que causou a derrocada da civilização. Dessa forma, a grande maioria das pessoas se comporta como robôs orgânicos que obedecem sem questionar, acreditando que essa é a melhor alternativa para a própria sobrevivência.

Nesse contexto vive Elena Nova, uma cientista que analisa dados que foram preservados para serem transmitidos para futuras gerações. Sua rotina é bastante formal e repetitiva, assim como a de vários outros cidadãos do local. Em um desses dias aparentemente normais ela recebeu uma ligação de seu melhor amigo Plínio Ruiz, que trabalhava em um enorme setor monitorando possíveis sinais de vida em outros planetas, para realocar a população quando encontrassem um local apropriado.

A mensagem era de um planeta chamado Lumis, mas foi logo descartada pois o lugar em questão era formado basicamente de água, com exceção do seu núcleo que era uma gigantesca esfera de pedra.

Elena ficou intrigada e quis saber mais sobre a mensagem e quis investigar, mas os Preservadores a proibiram. Ela insistiu e continuou querendo saber mais. Os governantes, percebendo uma possível perturbação à ordem local, decidiram deixá-la ir para verificar de perto, sob a condição de que ela não revelasse as suas descobertas à população. Para garantir que ela não retornasse de sua viagem, sabotaram secretamente a nave

da moça.

A nave partiu, mas quando estava prestes a fazer um pouso na superfície líquida, suas turbinas falharam e ela acabou afundando e ficando inconsciente durante esse processo.

Quando ela acordou percebeu que estava em uma espécie de enfermaria, sendo observada por estranhas criaturas humanóides com um corpo esverdeado e gelatinoso que emitiam uma estranha bioluminescência em constante movimento dentro de seus corpos translúcidos. Os pés tinham membranas entre os seus dedos, que permitiam que eles se movimentassem com grande velocidade em superfícies líquidas.

A cientista logo percebeu que aquela era a forma pela qual eles se comunicavam. Enquanto ficou enclausurada pelos mesmos, que a mantiveram numa espécie de cativeiro até decidir o que fazer com ela, foi estudando os padrões de luz complexos até compreender o que eles estavam dizendo e construir um dispositivo que permitisse uma comunicação entre as duas raças. Assim foi o primeiro contato dela com os Luminares, os curiosos habitantes daquele insólito planeta.

Aos poucos ela foi entendendo e ficando fascinada com toda a estrutura social que acontecia ali. Através de ventosas nas pontas de seus dedos eles conseguiam transmitir suas emoções com bastante clareza colocando as mãos na cabeça de seus interlocutores e assim se entendiam melhor, pois não havia a possibilidade de falha na compreensão através de palavras ou sons. Tudo acontecia de forma bastante orgânica e harmônica. Se alimentavam basicamente de algas e peixes processados em pílulas o que reduzia o tempo das refeições e permitia que eles produzissem mais, não dormiam porque não ficavam cansados, apenas faziam pequenas pausas para um descanso ocasional.

O núcleo do planeta era revestido por uma membrana viscosa que evitava a penetração de água e ao mesmo tempo filtrava o oxigênio para os seus habitantes. Sua cobertura também ajudava na camuflagem das cidades, evitando que os cidadãos fossem devorados por enormes predadores marinhos que circulavam pelas águas do planeta. Por sorte a nave de Elena foi avistada por um grupo de pescadores que estavam nas redondezas e conseguiram resgatá-la a tempo.

As cidades possuem uma arquitetura deslumbrante com suas estruturas elegantes e integradas a recifes de coral. Laboratórios de pesquisa subaquática, jardins bioluminescentes e um sistema único de transporte aquático avançado contribuem para a sua atmosfera única, tornando a mesma bastante impressionante.

Aprendeu também que eles possuem um vasto conhecimento sobre o universo e sua história. Eles compartilharam com ela a história de uma antiga civilização galáctica que libertou acidentalmente uma ameaça que agora é um perigo para todos: um polvo interdimensional chamado Bomus, uma criatura de proporções cósmicas que envolve planetas com os seus tentáculos contendo padrões iridescentes que se estendem por milhões de quilômetros e se alimenta de seus recursos, deixando para trás uma trilha de rochas etéreas. Esse colosso galáctico possui olhos cintilantes que refletem a luz das estrelas, conferindo-lhe uma aparência majestosa.

Ao saber disso ela obviamente ficou bastante impressionada e assustada, pois aquele perigo iminente fez com que ela se sentisse bastante impotente. Essa era a

mensagem de aviso que tinha sido interceptada e deletada pela estação onde ela morava.

O SEGREDO DOS LUMINARES - PARTE 2

A melhor alternativa seria mandar uma mensagem encriptada pelo seu transmissor para o seu amigo, na esperança de que o seu amigo tomasse alguma providência a respeito.

O primeiro passo a ser tomado seria tentar traçar a localização do monstro e sua trajetória, o que foi possível através da avançada tecnologia dos Luminares. Em seguida procuraram por espécies que produzissem algum tipo de descarga elétrica como o poraquê na Terra.

Descobriram um tipo de serpente marinha chamada Syntrax e através de mais cálculos chegaram a um número suficiente para eletrocutar a ameaça assim que o mesmo ameaçasse envolver o planeta. A água salgada serviria como um potente condutor que ampliaria a descarga por toda a sua superfície.

Agora era só construir o maior capacitor possível

para que o seu plano desse certo. Teve início então um processo que levou vários anos para ser construído. Felizmente a criatura levou bastante tempo para chegar porque acabou encontrando obstáculos imprevistos, como frotas interestelares que tentaram derrubá-lo e um buraco negro que quase o sugou.

Com a ajuda de seus novos amigos luminarianos ela conseguiu resgatar peças de sua nave que tinha caído num lugar um pouco distante e assim, depois de bastante tempo ela conseguiu terminar o seu projeto: com um núcleo de materiais exóticos, alcançou a capacidade de armazenar enormes quantidade de energia extraídas das serpentes. Sua carcaça externa, feita de um material altamente resistente, possui um painel de controle holográfico para ajuste da carga. Agora era só esperar.

Esperaram tanto tempo que chegaram a cogitar que o evento em questão só aconteceria depois de alguns milhares de anos, tendo em vista que a criatura se movia numa velocidade bastante vagarosa por causa do seu exacerbado tamanho. Até que um dia finalmente aconteceu.

Estavam todos cuidando de seus afazeres quando

foram encobertos por uma enorme sombra que escureceu toda a cidade de Ullurya, onde Elena e seus amigos estavam.

A cientista correu o mais rápido que pode em direção ao dispositivo enquanto um guincho ensurdecido reverberava pela água, causando desmoronamentos e gerando um pânico generalizado.

O capacitor demorou um tempo para ficar totalmente funcional e a moça estava bastante apreensiva, pois não estava tão confiante de que seu plano iria funcionar. Por fim o dispositivo emitiu uma onda elétrica que foi gradativamente se ampliando por causa da água marinha. O choque acabou sendo forte o bastante para repelir e assustar a criatura que, atordoada resolveu seguir em busca de um outro planeta para saciar a sua fome.

Os habitantes ficaram bastante felizes e eternamente agradecidos à humana, que decidiu ficar morando com eles. Agora só lhe restava aguardar que a mensagem tenha sido devidamente entregue e decifrada pelo seu amigo antes que fosse tarde demais. Sabia que a Celestial Horizon tinha um excelente sistema de defesa,

mas será que seria o bastante? As dúvidas a assombravam, mas naquele momento ela não podia fazer nada. Pela primeira vez na vida e contra todas as probabilidades, tudo o que lhe restava agora era a fé.



GIOVANNA BARROS

Giovanna Barros é cearense, nascida e criada em Fortaleza, farmacêutica pela Universidade de Fortaleza, sempre gostou de ler e agora também escreve, para dar vazão aos sentimentos. Participação na antologia *Mulheres em Versos* e na coletânea do *Mulherio das Letras*.

ANSIEDADE

Tá difícil

Desligar o cabeção

Escutar o coração

Sentir

Sentir

Sentir

Quem disse que seria fácil

Esquecer as aparências

Voltar pra essência

SAUDADE

Saudade é coisa que dá e passa

Mas pode ser coisa que dói e fica

Quando é de verdade

A saudade

Fica

Saudade da minha mãe
Saudade do meu pai
Saudade do meu avô
Saudade
de verdade

PASSARINHO

Sou passarinho
Quero deixar o ninho
Mas aqui é tão quentinho

Quero ver se é mesmo verde
A grama do vizinho
Quero encontrar meu próprio caminho

PRECONCEITO

Preconceito
Não tem jeito

Sexo, credo ou cor
Preconceito é um horror
Seja ele qual for

PANDEMIA

Estamos em pandemia
O meu gato Mia
Pedindo pra sair
Aonde?
Não podemos ir

COVID está aí
e não é brincadeira
É preciso ter cuidado
É vírus pra todo lado

Precisamos vacinar
Pra que seja erradicado



GISELE STARCK

Escritora, nascida em Petrópolis - RJ, 42 anos, começou a escrever seu primeiro livro aos 18 anos, fazendo da escrita seu porto seguro.

ENCONTRO DE ALMAS

Estava eu perambulando por aí em uma noite comum, quando nossas almas se encontraram. A sensação que tive ao poder conversar e estar com você, era de enfim estar em casa. Tudo parecia estar no seu devido lugar naquele momento e até o ar parecia mais limpo.

Sei que já estivemos juntos... Onde? Não sei dizer, só sei que que você preencheu um certo vazio que existia sem motivo aparente. Mas faltava algo especial, e tive a certeza quando enfim nos conhecemos pessoalmente. Era como se o tempo pudesse nos mostrar momentos em que já vivemos. Tenho certeza que já te conhecia e que já havia vivido aquele momento de nosso encontro.

Acho que já estive em meus sonhos, me preparando para o que viria a seguir. Só sei dizer que sua luz atravessa minha alma de forma divina e tão certa, que é como se essa luz tivesse me guiado ao caminho da paz e esperança... Sim, você me guiou e me guia todos os dias em que temos o prazer da companhia um do outro, mesmo que longe, ou através dos meus sonhos. Pois, você sempre está nos meus sonhos mais incríveis... Aquele tipo

de sonho que você sabe que flutuou por cada parte da natureza e por vezes nos tornamos o próprio ar, ou a água que descia por belas cachoeiras.

Só tenho a te agradecer, meu amigo tão querido: Arcanjo Camaleão, por me proporcionar esses momentos únicos, e poder ter esses sentimentos escritos eternizados, como a nossa amizade.



HELOISA RODRIGUES

Uma carioca apaixonada pela minha cidade. Ariana com ascendente em câncer. Psicóloga e professora, amante dos livros e de cinema, de um dia na praia, de um bom vinho e de boas conversas sem hora para terminar.

UMA HOMENAGEM

Já li tantos textos maravilhosos sobre o Dia Internacional da Mulher,

Que fica difícil escrever algo.

Os textos falaram quase tudo o que eu queria dizer.

Aquilo que penso, sinto e sofro.

Então decidi falar de uma mulher muito especial para mim.

Claro que para os que me conhecem bem,

Já sabem quem é essa mulher maravilhosa.

Naquele domingo de carnaval de 1954.

Sonia foi com sua amiga na Avenida Rio Branco.

Olhou para o rapaz mais alto,

Mas foi o outro um pouco mais baixo

Que foi falar com ela

Cinco anos depois eu nascia.

Nos meus sessenta e dois anos de vida, cinquenta e dois foram ao lado dela.

Sou testemunha da fortaleza que era essa mulher!

Da inteligência, um humor incrível, parceira e minha melhor amiga.

Sempre a frente do seu tempo.
Ela me incentivava para não desistir.
E continuar acreditando em mim.
Muito do que sou agora,
Devo a minha querida.
Até depois da passagem.
Ela continua me ensinando muito.
A dor que eu senti e sinto.
Tem proporcionado por incrível que pareça.
Novas descobertas,
Desafios,
Acreditar que sou capaz,
De muitas coisas que eu julgava não ter talento nenhum.
Por isso minha homenagem vai toda para ela.
Uma mulher incrível.
Sonia era a própria poesia.
Fiz a minha primeira poesia para e sobre ela.
Gratidão minha querida.
Te amo e te amarei eternamente.



ÍSIS ESTEVES

Ísis tem 15 anos e muitos diagnósticos, mas gosta de se definir apenas como uma adolescente autista. Curiosa, interessa-se por muitos assuntos, seu passatempo preferido é aprender coisas novas: costurar, escrever, falar novos idiomas, experimentar diversas linguagens artísticas e adentrar nas artimanhas da História e das Ciências.

CORES

Porque estou escrevendo isso?

Não é por atenção não, tá?

Na verdade eu vim contar
como eu penso.

Pensa em uma maçã.

Você imagina a maçã colorida?

Ou ela perde a cor
depois de alguns segundos?

Para mim ela perde a cor
depois de alguns segundos.

Mas antes de tudo,

eu lembro

de pensar tudo em cor.

Só que depois de tudo,

as cores sumiram.

Parece que estou

perdendo

essa memória das cores.

Parece que estou

esquecendo

das cores.

Mas ainda sei quais são.

Só não consigo

imaginá-las.



JARBIANE GOMES

Jarbiane Gomes do Nascimento, nasceu em Bom Conselho, Pernambuco. Atualmente atua como professora da rede pública e privada. É coatora do livro Memorial dos Poetas Vivos Antologia. É graduanda em Química e Pedagogia. Adora ler livros de Romance.

PEDAÇOS

No dia mais quente e feliz.

Se tornou um dia frio e sem cor,

Toda paixão que queimava apenas se apagou.

E não sei o que restou.

Tentado me reconstruir.

Vejo todos os meus pedaços.

E não sei por onde recomeçar.

Às vezes penso em viajar.

Mas sei que isso não vai adiantar.

Talvez eu apenas sinta falta do sentimento que não vingou.

Porque sei que não era amor.



JOANY KELLY TUMBALALÁ

Joany Kelly Andrade Santos tem 23 anos, é indígena do povo Tumbalalá, casada, mãe, professora e graduanda em Geografia. Nasceu no município de Abaré-BA e reside atualmente no aldeamento Bom Passar localizado no mesmo município. Sempre demonstrou interesse por literatura, mais especificamente literatura em cordel. Em seus cordéis costuma abordar temas relacionados ao sertão nordestino, sobre o bioma caatinga e sobre a questão indígena.

GUARDIÕES DA NATUREZA

Amar é um ato sensível
Sentir o coração pulsar
Amo o transformar da borboleta
E as cores que exhibe no ar
Amo o voar do beija-flor
Assim que beija a flor
Como criança volto a sonhar

Se fôssemos sempre criança
Amávamos os simples momentos
Transformando em belos risos
Dançando ao sentir o vento
Descalços sem direção
No mesmo instante então
Livres saíamos correndo

Se eu pudesse expressar
Com palavras poder dizer
Como amo a paisagem verde
Tudo que nela pode viver

As plantas e os animais
São retratos tão reais
Daquilo que Deus pode fazer

Isso pode soar clichê
Ou até mesmo repetitivo
Mas o bom mesmo é amar
Amar e se sentir vivo
Eu amo a natureza
Por isso eu tenho certeza
Desse chão eu sou nativo

Aqui aprendemos desde cedo
Que o sustento é nosso chão
Amamos a nossa mata
E rio que banha o sertão
Sou de um povo guerreiro
E nesse sertão inteiro
Nosso povo é guardião



KARINA OLIVEIRA

Olá! Sou Karina Oliveira, autora do poema "Saudade que só", publicado na antologia "Cantando Auroras", e da obra "Nina e as Sapatilhas Flutuantes" que é meu primeiro livro. Um sonho realizado! Se você pode sonhar, você pode realizar!

ARTE É MEU LAR

Ah, meu Lar! Desde que nos encontramos você tem sido o meu abrigo.

Tem ressignificado tantas coisas, na descoberta de mim mesma.

Por muitos meses questionando qual o meu propósito, o que fazer para mudar o mundo.

Com o questionamento que ecoava: Quem sou EU?

Tentando buscar respostas, com a alma aflita e com um nó amarrado na garganta, a ansiedade e o medo já tinham dominado tudo.

Me sentindo perdida, sem direção, sempre com a necessidade de ser aceita pelos outros, me anulando para encaixar-se nos padrões.

Quando nem eu mesmo, era capaz de me acolher.

Foi quando em 2021, uma luz surgiu, começou-se uma busca interior, e aos poucos o brilho voltou...

Aquela bagunça foi sendo organizada, os pontos positivos foram potencializados, e os negativos neutralizados.

O processo para a liberdade começou a fazer parte de mim, o encontro com o EU e o passado, foi sendo curado, e passou a ser chamada de Superação!

Hoje, tudo faz sentido, pois enfim, encontrei tudo o que procurava...

Sim, a arte é o meu Lar, tem sido o fio da conexão com o presente, a arte que nos faz reciclar...

E dizer que vivemos dela, também é perigoso, mas agora nada mais importa...

Pois agora, demos às mãos e percorremos rumo a nossa estrada, ao propósito que tanto EU buscava...

Nós podemos SER, Sonhar e realizar o que quisermos..

Arte é vida, Arte é potência, Arte é o meu lugar, Arte é o seu lugar, Arte é o nosso lugar....

Para mim e para nós!



LAÍS ESTEVES

Laís Esteves tem 15 anos e é apaixonada por narrativas, seja no teatro ou na literatura. Gosta muito de ler, principalmente romances. No entanto, de alguns anos para cá, descobriu a poesia através de um trabalho de escola, revelando imenso talento neste gênero literário.

NOME

Vem

Pode vir

Tirar todos os quadros da parede

Tomar minha bandeira como sua

Declamar ordem

E fingir que é poesia

Mas eu não te dou nome

Vem

Pode vir

Encher meu copo

Com aquilo que você tem sede

Deixar sua imagem

No meu espelho

Mas eu não te dou nome

Vem

Pode vir

Arrancar as páginas

Do meu livro preferido

E reescrevê-lo

Com as palavras que você gostaria de ler

Mas eu não te dou nome
Vem
Pode vir
Me roubar
As chaves da minha própria casa
E fazê-la sua
Mas eu não te dou nome
Vem
Pode vir
Responder todas as perguntas
Que só eu sei a resposta
Tirar as gírias
Do meu vocabulário
E colocar as suas no lugar
Mas eu não te dou nome
Vem
Pode vir
Mudar o rumo
Do caminho que não te pertence
E reivindicar direitos
Que não são seus
Pode vir
Eu não tenho mais nome



LEANDRA MOREIRA

Artesã, Funcionária Pública, Graduada em Gestão Ambiental, possui especialidades em Sustentabilidade e Políticas Públicas e Gestão do Sistema Único da Assistência Social. Já participou de várias antologias.

JOÃO E VOVÓ CARMINHA

Quando a família de João se mudou para a cidadezinha de Água Limpa, onde morava Dona Carminha no primeiro andar do sobrado na rua do Maranhão, o menino era um bebezinho de apenas três meses de vida.

Dona Carminha era uma senhora religiosa, costureira pra ninguém botar defeito. Morava sozinha desde que o marido faleceu, os filhos todos encaminhados na vida moravam em outras cidades, ela só via seus netinhos nos finais de ano e morria de saudade.

Na pequena Água Limpa, ela era conhecida, rezava os terços nas novenas, ajudava nos bingos para arrecadar fundos e ajudar os carentes, além de costurar consertando e fazendo roupas para todos.

Ao bater os olhos no menino foi amor à primeira vista.

O tomou por neto do coração!

Dali em diante todos os dias ela ia visitar o menino. Seu apartamento ficava no primeiro andar e o da família de João no segundo uma espécie de sobrado. Tinha um

quarto com janela com telas de segurança que dava para uma área de lazer onde dona Carminha tomava seus banhos de sol e cultivava suas flores.

Ela não podia ouvir um choro do menino que lá corria e gentil sempre perguntava se estava precisando de alguma coisa.

Com o tempo ela passou a chamar o menino de “Meu João”.

Com o passar dos anos João foi crescendo e aprendendo a falar por ironia da vida a chamava de “vovó Minha”.

Passou a andar e a subir na tal janela que tinha a tela de proteção ali gritava:

— Vovó Minha!

— Tô Indo meu João! Ela respondia e saía em direção a área para ver seu menino entre as telas.

Ali era assunto de que não acabava mais, de dinossauros, a policiais (ele contava sobre a profissão do seu pai).

Era um amor tão lindo que às vezes fazia ciúmes à vovó Tereza e à vovó Bethe, as avós biológicas do menino, que quando ouviam a conversa brincavam:

— Estou com ciúmes!

Do apartamento dela subia deliciosos quitutes para agrada-lo e descia lindos desenhos em forma de gratidão.

Porém um dia dona Carminha caiu doente foi acometida de um a.v.c, nos primeiros dias no hospital. E João na janela chamando por ela.

— Mamãe vovó Minha tá sumida?

— Ela está meio dodói (respondia a mãe condoída).

Mas logo ela estará de volta.

Quando ela voltou foi fase de readaptação falava baixinho, não podia gritar seu João, não andava mais e da cama quando ouvia o menino gritar era um aperto no seu coração.

A mãe do menino o repreendia:

— Não grita a vovó “Minha” deixa ela melhorar!

Porém numa manhã desta que a gente quer esquecer dona Carminha morreu.

E para explicar para um criança de quatro anos a mãe disse:

— João, vovó Minha virou estrelinha está lá no seu morando com pai do céu.

O menino que sempre foi muito esperto chorou bastante e por alguns dias subiu a janela a espera dela está a tomar seu banho de sol.

Depois desistiu.

Até que um dia ele entra pela casa em gritos todo alegre e sorridente e diz:

– Mãe!!!! eu sabia olha o céu a estrela como brilha tá vendo? É a vovó “Minha”, aquela estrela que brilha mais.

A mãe sorriu querendo chorar.

— Eu sabia mamãe, a vovó Minha só mudou o andar agora ela mora em cima e eu moro embaixo.

Existem amores que são eternos!

Já os encontros mudarão os horários, antes pela manhã agora são a noite, quando as estrelas aparecem...



LEIDIANY MELO DE SOUZA

Assistente Social, servidora pública e formada em Letras Português. Apaixonada pela literatura desde sempre, tem como uma de suas paixões o estudo pela literatura infantojuvenil. Já participou da antologia Sabor da Paixão: Contos sobre o amor, da Andross Editora, com o conto As quatro pontas do amor.

ENTRE ENCONTROS E DESENCONTROS

Em uma cidade do Norte de Minas Gerais, chamada Montes Claros viviam Karine e Augusto. Suas famílias eram vizinhas e amigas e não foi surpresa para ninguém quando os dois começaram um namoro, ela com dezesseis anos, ele com dezoito. Os dois eram o típico casal perfeito. Além de namorados, eram amigos, confidentes e apoiavam-se mutuamente sempre.

O tempo foi passando e o namoro ficava mais forte a cada dia. Augusto fazia faculdade de Administração e Karine estava fazendo o ensino médio e se preparando para o vestibular. Depois de alguns anos de namoro, as famílias e amigos de ambos esperavam que eles se casassem e construíssem sua própria família e a verdade era que eles também tinham esse sonho, só preferiam guardar para si mesmos.

Contudo, a vida nem sempre é como planejamos e, às vezes, temos que refazer nossos projetos. Foi o que aconteceu com esse casal. Assim que formou a faculdade, Augusto recebeu uma bolsa para uma pós-graduação nos Estados Unidos, além de uma proposta de estágio em

uma grande empresa. O rapaz ficou dividido entre se mudar para longe e continuar perto de sua família e sua namorada, mas Karine sabia o quanto isso era importante para ele e o apoiou nessa jornada. Os dois conversaram e, por mais que se amassem muito, sabiam que há momentos na vida que precisamos deixar aqueles que amamos seguirem novos voos, e foi o que fizeram. Ambos concordaram que o melhor para os dois seria terminar o namoro, afinal ele poderia conhecer outra garota nos Estados Unidos, bem como ela poderia conhecer outro garoto aqui mesmo em Montes Claros, por isso, apesar da tristeza e da dor que sentiam, optaram pelo término.

No dia da viagem Karine foi junto à família de Augusto para se despedir dele. Eles combinaram de manter contato, mesmo não estando mais juntos, afinal sempre foram amigos e esse sentimento sempre esteve em seus corações.

O que era para ser apenas dois anos nos Estados Unidos, acabou se estendendo por um longo tempo. Período em que Augusto conheceu novos amores. Não que Karine não tenha feito o mesmo, afinal após se formar no Ensino Médio, ela ingressou em uma faculdade de

Direito, só que o curso era na capital do Estado e ela se mudou para Belo Horizonte, onde também viveu amores e desamores, até conhecer Leandro. Ele era diferente dos outros rapazes com quem esteve após Augusto e ela achou que esse amor seria eterno, porém, como dito anteriormente, nem tudo ocorre como planejamos...

Depois de um ano de namoro Karine e Leandro foram morar juntos e logo ela descobriu que estava grávida. O casal estava muito feliz com a notícia e Leandro já pensava em casamento. Porém, em um belo dia, enquanto voltava do trabalho, um motorista perdeu o controle do caminhão que dirigia e acabou batendo contra o carro de Leandro e ele não resistiu aos ferimentos, morrendo a caminho do hospital. Ao saber do ocorrido, Karine perdeu o rumo. Seu amor tinha partido e ela estava grávida. Sentindo-se sozinha e não suportando mais ficar no apartamento que dividiam, ela pediu uma licença do trabalho e retornou para a casa dos pais.

Alguns meses depois a pequena Aurora nasce, trazendo novamente a luz para a vida de sua mãe. Karine decide então que o melhor para ela e para a filha seria permanecer perto de sua família e é o que faz. Como a

firma de advocacia em que trabalhava tinha uma filial em Montes Claros, não foi difícil conseguir uma transferência e ela recomeça sua vida junto à filha.

No aniversário de dois anos de Aurora, sua mãe resolve fazer uma pequena comemoração, o que ela não esperava era que Augusto tivesse acabado de retornar para o país, para a cidade em que viveram tantos momentos juntos e menos ainda que resolvesse ir à festa conhecer a pequena e rever seu primeiro amor e também melhor amiga. Quando ele vê a menina, fica completamente apaixonado por ela e esta, que nunca ia ao colo de ninguém que não conhecesse, simplesmente abre os bracinhos para que aquele estranho a pegue. Foi amor à primeira vista. Mas, amor mesmo foi o que Augusto e Karine sentiram ao se reencontrarem. Ela ficou completamente surpresa ao vê-lo com sua filha no colo, ele não conseguia tirar os olhos dela e da pequena. E aquele sentimento que ambos achavam que tinha morrido, estava apenas adormecido.

Após o aniversário eles voltaram a se encontrar algumas vezes e retomaram o namoro. Karine estava com um pouco de medo, afinal sua filha era sua prioridade,

mas ver a cumplicidade que eles dois tinham acalmava seu coração. Apesar de não ser o pai biológico de Aurora, Augusto queria ser um pai de coração para a menina, que ele já amava incondicionalmente.

Depois de dois anos juntos, após se reencontrarem, Augusto resolveu fazer uma surpresa para a amada, contando é claro com a ajuda da filha. Os dois prepararam tudo para o aniversário de Karine, que ficou muito feliz com a surpresa. Mas, surpresa mesmo foi ver o amado pedindo à filha que o aceitasse como seu pai e, logo após, pedi-la em casamento e claro, ambas aceitaram e se jogaram contra ele em um abraço de família cheio de amor, alegria e recomeços.



LUCAS MARIANO ROSA

Lucas Mariano Rosa é um rapaz de 25 anos de idade, que mora em Paraty, no estado do Rio de Janeiro. Está atualmente cursando Letras. Lucas sempre gostou de ler e de escrever histórias, poesias e outros textos. Já participou de alguns concursos literários na escola e na sua cidade, e atualmente, alguns de seus poemas foram escolhidos para participar de algumas antologias.

VOLTAR AO PASSADO

Como eu tenho saudades daquele tempo
E sentir as vitórias que foram levadas pelo vento
Queria voltar aos lugares que presenciei
E rever as pessoas com quem conversei

Lembranças vêm em minha memória
Fazendo-me recordar dessa história
Onde eu era tão feliz, mas não importava
Viver era tão bom e isso me alegrava

Como eu queria mais uma vez lá estar
Entregaria tudo para aquela alegria revisitar
Se soubesse que em algum momento terminaria
Não teria saído, naquele lugar permaneceria

Às vezes eu me lembro e as lágrimas vêm a escorrer
Por que não posso outra vez tudo reviver?
Entrar por um portal e olhar o meu passado
Se pudesse fazer, não voltaria do outro lado

Sentimentos Escritos

Mas o que me resta é neste chão pisar
E guardar o que pensei que não fosse passar
Ficar recordando dos momentos incríveis
Que pensei que um dia não fossem terminar



LUCIANA GOMES

Luciana Gomes, pessoa e mãe atípica, professora, palestrante, formada em Português/Espanhol, especialista em Língua Portuguesa, mestre em Letras Vernáculas pela UFRJ e apaixonada pelas palavras.

POEMA-SÍNTESE

Nem tudo que escrevo me retrata
Nem tudo que escrevo é sentimento meu.
Nas ruínas do coração ficaram marcadas,
hieróglifos no “Livro dos Mortos”,
enigmáticas figuras de Nazca,
lembranças de um tempo que feneceu.

Trago em paz meus pensamentos hoje.
O amanhã não sei onde andará.

Sei da vida volátil:
Álcool no vinho que nos embebeda.
Sei da vida fugaz:
Água que de nossas mãos escapa.



LUNA WHITE

Nascida em 24 de outubro de 1994, em Ananindeua, no Pará, Luna White é uma aspirante escritora que desde pequena descobriu o poder da escrita para expressar suas ideias e sonhos. Luna compartilha suas histórias em um universo particular de escrita, que ela carinhosamente chama de “seu mundo”. Suas obras são inspiradas em romances, personagens complexos e psicologia. Além de escrever, Luna também é uma amante de um bom café e da companhia de felinos.

REFLEXO DA ALMA

No palco da alma, a dor aparece em cena,
Em ritmo frenético, o coração se aperta,
Um tambor ecoando a angústia que me encanta,
E a melodia triste que a alma desperta.
Lágrimas salgadas em torrentes descem,
Rio que lava a ferida aberta e crua,
Em cada gota, um lamento que me oprime,
A dor dilacerante, como punhal que me fere.
A esperança fugaz, um raio de sol,
Ilumina a escuridão que me consome,
Mas logo se esvai, deixando o pranto a jorrar,
E a saudade que corrói, qual ácido que come.
Seu orgulho e indiferença, algozes implacáveis,
Ferem meu ser com lâminas afiadas,
E no palco da alma, a dor reina inabalável,
Em uma dança cruel, onde a esperança é calada.



LUZZ SOUZZA

Luzz Souza reside em Ribeira do Pombal na Bahia, é uma desenhista autodidata que ama ler e ver séries. Já tem participação em três revistas literárias e em mais de trinta antologias. Recentemente publicou seu primeiro livro “Alexei por um instante” pela Editora Merari Tavares.

VAGA-LUMES

Há muitos anos, quando trabalhava vendendo livros passei por uma situação inusitada.

Primeiro, devo adiantar que nesta época estava apaixonadinha por um certo rapaz que anos depois me fez chorar copiosamente, porém isso agora não tem importância. O que importa é que a lembrança sobre os vaga-lumes que vi numa determinada noite, ainda me trás aquela sensação boa de que a vida pode ter altos e baixos, mas ela também é cheia de poesia!

Eu morava em outra cidade, e sucedeu que acabei indo trabalhar no mesmo bairro que o tal rapaz. Na verdade o via mais como amigo, pois em minha mente eu não era tão interessante a ponto de despertar-lhe o amor, e por isso me conformei em ser somente uma amiga e parceira de trabalho.

O dia foi logo e passamos por diversas casas apresentando os livros que pretendíamos vender. Quando o Sol se pôs, ainda estávamos numa pequena vila, e estávamos já bem afastados da cidade.

Não lembro exatamente onde ficava a vila, mas

lembro de que nós precisamos subir uma estrada íngreme de terra para chegar lá.

Ficamos até anoitecer, e na hora de voltarmos, admito que senti certo medo. Não que meu companheiro não me inspirasse confiança, nem eu subestimasse sua capacidade de evitar algum imprevisto, mas como era a primeira vez que visitamos este lugar, eu temi por nossa segurança.

Em nenhum momento achei que poderia considerar aquele momento como algo romântico, porque afinal, estávamos trabalhando e o fato de eu ter sentimentos pelo meu companheiro não queria dizer nada. Sempre fui extremamente profissional e focada nos meus objetivos.

Eu não podia confundir as coisas e achar que estar ali, com ele, numa cidade agradável, numa bela noite estrelada iria fazer alguma diferença em nossa relação, até que eles surgiram.

A brisa era morna, e eles se espalhavam por todos o nosso trajeto de volta à cidade, como estrelinhas que haviam decido do céu para iluminar nosso caminho.

Meu companheiro de trabalho e eu ficamos

encantados, e até chegar na cidade fomos escoltados por milhões de vaga-lumes.

As luzes da cidade foram se destacando e fazendo com que as luzes deles ficassem mais opacas, e as folhas e flores deram lugar ao concreto frio e cinzento.

Deixamos nossos amiguinhos para trás e seguimos nosso caminho.

Parecia um show de luzes, preparado pela dona Natureza para eu e o rapaz que andava despertando bons sentimentos em meu jovem coração.

Ele ficou extasiado com a visão etérea dos vaga-lumes e até comentou com alguns conhecidos.

Quanto a mim, guardei este momento poético em minha memória com imenso carinho e gratidão.

O rapaz e eu chegamos a ficar juntos, porém acabamos nos separando e seguindo caminhos diferentes.

Já os vaga-lumes, os pobres animaizinhos já devem ter morrido e se tornado pó, contudo suas luzinhas me trouxeram paz naquele dia, e deu a minha curta história de amor um toque especial...

O singelo toque das fadas.



MAGNO ASSIS

Natural de Antônio Dias/MG. Filho do agricultor José Pedro de Assis (em memória) e da costureira Josefina Martins de Assis. Coursou o ensino fundamental em sua cidade natal. Mudou-se para Coronel Fabriciano, onde cursou Contabilidade e Técnico em Eletrônica. Em 1990 mudou-se para Juiz de Fora. Coursou Administração de Empresas e Letras. Foi Vendedor, Funcionário Público e Técnico. Ocupa a cadeira 30 da Academia Interamericana de Escritores. Membro da Academia Internacional de Poemas, Poesias e Artes. Divulga seu trabalho em Antologias e Coletâneas e em seu blog, magnoassispoesia.blogspot.com

MEIA VIDA MAIS MEIA

Um pedido

Que o sonho explica

Um beijo

Que o ato exemplifica

Um contrato

Que o anel indica

Uma vida

Que no gesto fica

Um caminho

Que é mais uma dica

Um adeus

E a alma abdica

Uma palavra

Que a tudo glorifica



MARCOS SIQUEIRA

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1976. Licenciado em história e filosofia, é aficionado por filmes de terror e heavy metal, leciona para crianças e adolescentes na rede pública de ensino do Estado do Rio de Janeiro e do Município de Seropédica. Mora em Mesquita, na Baixada Fluminense, com sua esposa, sua filha, sete gatos e uma cadela.

A VOCÊ, AMIGO

Somos mortais, mesquinhos e pequenos, e ainda assim nos foi dada a dita, imerecida decerto, de termos neste mundo, pouco mais, pouco menos de meia dúzia de pessoas a quem chamar de amigos.

Feitos do mesmo pó, destinados ao mesmo fim, essas pessoas são mistérios em ato, extensões nossas que a vida se encarregou de ajuntar.

Quem tem amigos, sente prazer maior ao passar um café, ao arrumar a mesa do lanche, ao ver um filme pela décima vez. Ao rir da piada sem graça ou das piadas que ninguém mais entende. O amor aos amigos é tempero para nossos pratos e sabor para as nossas bebidas (ainda que um simples copo d'água).

Amigo é aquele de quem não escondemos nossa loucura e cuja companhia, ainda que em meio ao silêncio dos que nada tem a dizer, não se torna incômoda. É aquele cujo empréstimo nunca será cobrado, nem o dinheiro contado. É aquele em quem a gente confia os filhos, a casa, a alma. É quem nos vê chorar sem nos censurar, é quem chora

com a gente e que nos avisa quando é hora de agir e não de chorar.

Amigo é quem arruma mais uma horinha dentro das vinte e quatro atribuladas do dia a dia, para nos dar um conselho, um ombro amigo. É quem a gente conta o que nos envergonha e confia o que nos alegra. É quem pode ser o que for sem medo do desamor. É aquele que, mesmo na maior distância, senta com a gente ao redor de uma fogueira dentro de nosso coração.

Amigo é pai, é mãe e irmão. É consolo e colo. É o silêncio de quem não sabe o que fazer, mas cuja presença é abrigo e refúgio

É por quem a gente agradece, por dividir o mesmo mundo. E quando a gente briga e fica com raiva, morre de rir dos nossos patéticos pedidos de desculpa. É quem a gente abraça para sintonizar o coração e se sentir seguro.

É você, que ao ler isto, saberá sem quaisquer sombra de dúvidas que é a ti que dedico essas palavras...

Obrigado, meu amigo

Eu amo você.

NOSTÁLGICO

Penso que enfim chegou a hora de sorver, num só gole, minhas culpas e mágoas. Ao meu olhar, minha vida se abre agora como um deserto, um filme antigo que ninguém mais vê. Tenho ainda vívida, a lembrança dos dias de sol, da esperança queimando dentro do peito, as praças, as festas, a música ao longe. O cansaço bom dos dias que duravam mais, dos sorrisos espontâneos, de quando, feitas de sofá, as calçadas abrigavam nossos sonhos. Mas hoje, quando a nostalgia me rapta e me leva de volta para este mundo, eu consigo entender que a gente morre umas tantas vezes: nas pessoas que partem, nos amores que findam, nas promessas que se quebram. A gente vai ficando pelo caminho, vai deixando um pedaço aqui, outro acolá. Vamos nos perdendo um cadinho cada dia, até que em um deles, o espelho, ainda que consigamos nos reconhecer, reflete um estranho. E não obstante ainda brilhe o mesmo sol das tardes limpas de outono, nada corresponde ao que deixou de ser, ao que não existe mais, àquilo que sumiu após as muitas curvas que compõem a estrada que chamamos vida. Seria então

hoje, o que tenho, vida? Ou seria apenas a vontade indômita de voltar e voltar e voltar, até um ponto onde as lembranças se tornem de novo presente?

Fosse eu um pouco menos sensível e talvez cá não estivesse lamentando minha sorte, os caminhos pelos quais passei, as portas que se fecharam - ou que eu mesmo fechei.

Em torno de mim, impávidas e resolutas, assombram-me as quimeras dos momentos idos, as esperas inocentes, a fraqueza não confessada. E neste mar sereno de dias vazios, as vagas da saudade me arrastam lentamente para bem longe do que eu amei e que, se forças ainda me restassem, talvez amasse ainda hoje. Mas eis que sou homem vencido, cômico de meu nada, de que sou sombra, página virada, um drama cujo ator e antagonista são um só eu, que não sei quem sou.



MARIA CHOCOLATE

Meu nome é Maria do Carmo da Silva Miranda, mas todo mundo me conhece como Maria Chocolate. Nasci no dia 08/11/1962 e já aos 14 anos fui professora comunitária, onde começa meu envolvimento com os livros. Em 2002, fundei o Grupo Comunitário Chocobim e, em 2006, junto com outras mulheres, mediadoras de leitura, fundamos a Biblioteca Comunitária MANNNS (Mulheres Amorasas Necessitadas de Navegar em Sonhos). Atualmente fazemos parte da Tecendo uma Rede de Leitura (Rede de Bibliotecas de Duque de Caxias) e da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC). Em 2019 publiquei o livro “Vozes Negra: tecendo a resistência”.

SENTIMENTOS

Que sentimento é esse que diz sentir por mim?

Que mexe com os meus sentimentos.

Como é forte o que sinto neste momento.

É uma dor que chega doer na minha alma e me deixa um sentimento de impotência e tristeza.

Não sei explicar. O que eu sei é que você, muitas vezes, esquece as minhas qualidades e só vê os meus defeitos, nunca diz um obrigado.

Muitas vezes, o que eu sinto na sua voz, no seu olhar, nos seus gestos, me assusta.

São sentimentos que me aniquilam, me fazem tanto mal.

São sentimentos dolorosos, que eu não quero fazer você sentir.



MAX RAPOSO

Max Oliveira Raposo é médico e desde a infância teve um interesse natural pelas artes. Seu contato com os livros foi inicialmente estimulado pelo hábito da leitura de seu avô, e depois, aos 8 anos, quando ganhou um presente de seu pai - um livro de Júlio Verne (*A volta ao mundo em 80 dias*). Desde então, tornou-se um colecionador de livros e um bibliófilo. Atualmente tem muitos projetos em andamento, incluindo livros de poesias, contos e uma série de romances.

FANTASIA PASTORIL N°1
(acerca do canto das aves)

Existe um mundo que toma conhecimento das canções
que fluem
nas folhas de nervuras delicadas. Ficam à espera da noite
os Tordos, os Tentilhões,
os Martins-Pescadores. Quando o dia se dissipa,
ocorre, nas noites mais densas,
nos bosques totalmente encobertos,
um alegre ruído de madeira; uma dança invisível entre os
restolhos de uma floresta escura: sons e cantos
portentosos, canções trazidas pelo vento sibilante,
como folhas na paisagem noturna.

É nessa hora, quando a noite chega, o dia tal como uma
vela
que a garrafa da noite emborcou,
que os pássaros aprendem a ouvi-las,
e investidos de autoridade, se vestem com a melodia das
coisas mais simples,
em meio ao peso dos grilos trinando.

E sem outro fim, senão dar-lhes um idioma, por efeito de lei eles aprendem a cantar, empoleirados no ombro de velhos salgueiros plantados no meio da relva leniente.

Sob a sombra de galhos esguios, o canto deles faz ressoar o aroma

da brisa dos bosques, o cheiro delicado do barro que umedece a terra.

Cantando, vão traduzindo em nova língua, o gosto das uvas e do trigo, o som das sementes transportadas, o amplo campanário onde brota vida no fundo das pedras.

Em suas cantigas, estão os ciclos das evoluções mais antigas;

desde o sussurro dos mais velhos séculos,

o canto deles é o murmúrio da abelha que vibra, o grito de uma cigarra que ressona

e se repete, o caminho que tem na terra as raízes.

Em cada canção, existe uma lição completa oscilando como gonzos pela noite:

a razão de ser das coisas - e por isso voam, por merecimento de canto.

Como córregos que convertem a relva numa estrada,

são como os dias pelos quais passam cantando,
nessa linguagem secreta como dissera Schopenhauer
- “que é a pura vontade em si, a ideia pura, sem poder ser
materializada” -
estão no estado da arte, e por isso pairam
muito acima dos campos de batalha dos homens;
através dos campos, sob velhos telhados
eles voam entre capulhos de algodão; são como pequenos
deuses
do mais seletivo grupo dos que detêm na alma
a Beleza desprovida de orgulho:
- não se importam se mudam as estações,
nem se contentam em silêncio,
senão cantando - por tudo o mais sobre, e em torno deles -,
e não se mostram enciumados
ou desdenham uns dos outros, nem são maiores do que
os que deixaram para trás, nem menores que aqueles
pelos quais foram ultrapassados.



MAYHARA TAVARES JORGE

Sou Mayhara Tavares Jorge, nascida em Santa Maria Madalena. Casada com Elson e mãe de Emanuel e Mariana, moro em Nova Friburgo desde o nascimento e me estabeleci na Educação desde o ano 2000. Hoje atuo também como profissional técnica da Secretaria Municipal de Educação da cidade.

Contatos nas redes sociais:

Instagram: @mayharatavaresjorge

Facebook: Mayhara Tavares Jorge

DECEPÇÕES

Decepções são pedra, são lições
São alertas que se tornam canções
São ventos que passam como tufões
Que devastam, derrubam e afastam

Decepções são dores, açoites
São espinhos no caminho
São ensinamentos aos meninos
São tropeços que servem de futuros adereços

Decepções nos fazem repensar e analisar
O que sabemos, o que queremos
Da vida, da ida
Do saber e do crescer

Decepções funcionam como degraus
Que subimos e descemos
Nos sacode e aprendemos
Que nos permite cair e nos refazermos

Decepções são necessárias à vida
São como pontos de novas partidas
Para prosseguir e sorrir
Nos levantar e refletir



MICHELE CANEZ DOMBKOWITSCH

Michele Canez Dombkowitsch é gaúcha, nascida em Rio Grande. Formada em Letras Português e Espanhol pela FURG. Atualmente cursa Mestrado em História da Literatura pela FURG. É Casada e mãe de pets.

QUASE 3 MINUTOS

Que palavra por palavra eis aqui uma pessoa se entregando. O som sobe pelos fios internos do fone de ouvido, distribui-se. Percorre da cóclea aos pequenos filamentos. Tudo que você ouvir esteja certo que estarei vivendo. A melodia se transforma numa grande e forte mão. Mão invisível que segura, pressiona, aperta, espreme e sufoca o coração. Ele grita mudo. É uma dor. Uma dor. Mas não uma dor de bala furando a carne, nem de faca rasgando a pele. É uma dor! Uma dor sem nome. Não há curativo que amenize, não existe. E essa dor. O coração agarrado firmemente geme, chora. E isso sobe pela garganta, e isso paralisa os músculos, agita os nervos, e na garganta se prende. Como bala de menta colada, atravessada na goela. E o coração nada pode fazer. Não está vivo, nem morto. Melhor seria morrer. E isso, essa coisa pula da garganta como soluço interno. E a dor se espalha como menta queimando as

paredes internas da boca, e tudo lateja. *É apenas o meu jeito de viver.* Uma comporta a se abrir. E um olhar claro olha, mas não vê através do vidro a cidade que segue sua rotina. Um pestanejar desaba uma cachoeira, uma gota quente escorre pelo externo. *O que é amar.*



NANCILIA PEREIRA

Carioca, escritora, professora, pedagoga e poeta. Possui 40 obras publicadas, entre elas a trilogia sobre o TEA, composta pelos livros: "Sou Autista! E daí?", "Somos Pais de Autista! E daí?" e "Sou Adulto Autista! E daí?". Gosta de estreitar a relação autor/leitor nas palestras que ministra sobre seus livros.

Contato: Tel.: (21) 98747-4719

A VOZ DO SILÊNCIO

A solidão me visita
O silêncio impera
E sem som grita:
Amor? Quimera!
Como fazer o silêncio silenciar
Fazê-lo depressa entender
Que é fria a vida sem amar
E frio fica todo meu ser.
Mas ele teimoso persiste
Sua voz soa e vibra mais alto
Que o maior som que existe
É da solidão eficaz arauto.
Não quero a ele me quedar
Quero sair de mim, gritar
Solidão vai embora
Me deixa sem demora.
Mas ele, o silêncio, silencioso
Me aperta a garganta, dá um nó
E se impõe forte, vitorioso
Me deixando com a solidão... só!



NANE FONSECA

Nane Fonseca, residente em São Gonçalo, RJ. Psicanalista Clínica e Terapeuta Familiar e de Casal, cursa Serviço Social pela Uniasselvi - RJ - 7º período. Participei de várias antologias com poesias e recontos, e estou escrevendo um livro infantil. É casada, mãe e apaixonada pela literatura, pela poesia e pela arte de escrever.

SENTIMENTOS ESCRITOS

O que devemos dizer se quase sempre as palavras não saem

Quando por vez ou outra preciso expressar meus sentimentos

Não sei bem ao certo se devo me abrir ou calar...

Pois há coisas que eu não gostaria que tivesse em mim...

São pensamentos e sentimentos que negam o que eu realmente penso a meu respeito

Sentimentos escritos soam mais fáceis de se entender.

Quisera eu poder ter o dom de apagar o passado para nunca mais ter que revistá-lo.

Sinto repulsa, sinto vergonha, sinto raiva só de lembrar...

Sei bem a profundidade do fundo do poço.

Para onde não desejo nunca mais voltar.

Sentimentos tipo pisca alerta

Que me mostra o caos da vergonha da minha história mais sórdida passada.

Eu sei que já alcancei o perdão do Pai.

Mas o meu vou cavando a cada novo dia...

Escrevendo vou traçando trechos dessa história de que

me envergonho tanto.

Quem sou eu pra julgar alguém!

Quem sou eu pra recriminar a história de outrem

A gente vai se enxergando quando amadurecemos
lentamente.

Escrever esse poema é encarar os desafios

De reencontrar-se vez ou outra em meados de histórias
suas

É revisitar-se sem ser convidado

Escrever sobre sentimentos é fazer terapia reversa de si

Como se olhando num espelho da alma

Identificando você através do seu próprio reflexo refletido.

Ser autora de histórias que entregam sua realidade em
sentimentos escritos e contados de si... Dando vida
também à realidade de muitos... Através de outros tantos
poemas assim.



NATHÁLIA SANTAS

Sou uma romancista precoce, que talvez se conheça até demais para apenas 20 anos. Amo literatura, música, filmes, pessoas e estar apaixonada por qualquer coisa na vida. Eu acho a paixão linda.

ETERNAMENTE

Eu levo você sempre comigo.

Te carrego na minha mente e te vejo quando eu quero

Mas eu sempre quero te ver.

Te coloco no meu bolso, pra te sentir quando eu preciso

Mas eu sempre preciso te sentir.

Gravo a tua voz, para ter sempre a doçura nos meus ouvidos.

Você invade os meus sonhos, e até mesmo lá, meu coração alua quando te sente.

Tudo que me excita

Tudo que me cativa

Tudo que me preenche

Tudo que me transborda

Tudo que me açoita

Tudo que me enlouquece

Tudo que me destrói

Tudo que sinto

Parece tudo com você.

Tudo que é pensamento, alucinação, transparência, confusão, sentimento, me lembra você.

Você sempre esteve dentro de mim, e não é perto o suficiente.

Tudo em você foi feito para mim, e cada detalhe se encaixa no meu corpo

Como se fossemos moldados por Deus, feitos para sermos um do outro.

É você

É algo assim

Só você

É mais do que sei

É mais que pensei

É mais do que posso querer

É mais do que imagino amar

Muito mais do que imagino ter de você.

Como posso querer só você? Sempre você. Você que estava desde o início no meu peito.

O único caminho que enxergo

A droga que abuso todos os minutos

Que degusto todos os segundos

De você, eu crio prosas infinitas

Meu acalanto, minha honestidade, para quem minha mente sempre retorna

E onde meu ser se afoga.

No final, do bem ao mal

É tudo sobre você

Sempre você.



NILDALINE ROCHA

Nildaline Rocha, poeta, tem 20 anos e escreve poesia desde os 17. Participou das Antologias *Entre Contos e Versos*, editora *Contos Livres* em 2021; *Coisas que eu nunca disse*, pela Editora *Tenha Livros* e da coletânea poética *Catarse Além das Palavras vol.1* pela Editorial Casa. Mineira, atualmente reside em Santo Antônio de Jesus - BA, onde cursa psicologia pela UFRB.

(AMAR)GO

Entre suas desculpas sem nexo
Quando diz, meu amor, para depois
O veredicto mal dito
E abre enterrando as entranhas por onde passado
descansa
Ao passo que desfaz-se assim
Entre uma e outra vida, todas por um fio

Estática perde-se esta manhã
O mal-estar no cântico das ninfas
Elas que unem-se em ansiedade
Na vã expectativa da espera.

Meus pés arrastam maço de lembranças
Pela folhagem o perfume apodrece
Este padecendo seu riso doente,
Enquanto turvo de arder ascende
O anzol que perfura pele minha
Queimo também

Desando, apesar do risco
Pois não somos santos
Perdidos neste universo o sorrir do sonho.

Dócil, agonizo o fel deste veneno do inferno
Doce o mel que verte de seus olhos e escorre
Doravante suores de dormência

A dor de ambos mistura-se sólida
Enquanto cai neste fim de nada
Do (amar)go açucarado
Deixando-me em partes para trás

Sussurros perseguem meu sim
Embora recebam a companhia da dúvida,
O eco de sua fala a velar-me preso à expectativa
Por este abismo nublado de pupilas vazias,
Afundando na íris vítrea do não existir.



NOEMIA RODRIGUES

Sou Noemia Rodrigues, tenho 3 filhos e 3 netos. Sou uma pessoa simples e romântica à moda antiga. Temente a Deus sempre. Tenho defeitos e qualidades, mas procuro ajudar o próximo. Gosto muito de conversar e escrever, principalmente poesia. Também amo muito passear, esportes e natureza.

PALAVRAS

Não caia na tentação
do discurso banal,
da explicação simplória.
Queira a profundidade da sabedoria.
A fala nos pede calma,
calma para dizer,
calma para ouvir.
Hoje,
neste tempo
de palavras muitas,
queiramos a beleza
dos silêncios poucos.
Não diga as coisas com pressa.
Mais vale um silêncio certo,
do que uma palavra errada.
Demore naquilo que precisa dizer.
Palavra errada
na hora errada
pode ser transformada
em feridas

para aquele que disse
e também para aquele que ouviu.
O silêncio é a única resposta
que devemos dar aos tolos.
Onde a ignorância cala,
a inteligência dá palpites.



PATRÍCIA DOS SANTOS

Meu nome é Patrícia dos Santos, natural de Carazinho/RS, atualmente trabalho como cuidadora de idosos, cor favorita preta, torcedora do Grêmio, curto rock e opera, não gosto de multidões, sou um pouco antissocial, admiradora da lua, o meu maior medo é do lobisomem, e a minha paixão por leitura surgiu, devido à saga Harry Potter, onde comecei a ler os livros da escritora maravilhosa JK Rowling.

DESESPERO

As memórias sempre me maltratam, suportei coisas que ninguém imagina, acabei tornando-se uma pessoa extremamente infeliz, amargurada, sem forças para viver. Hoje os meus olhos estão doendo de tanto chorar, o meu mundo é escuro e sem direção, a minha vida é pura ilusão, quero ter motivos para viver, mas não consigo encontrar.

Desprezo-me por ser fraco, fico me punindo e sabotando-me, já tentei acabar com essa dor duas vezes, e não obtive sucesso, sempre surgia alguém para me socorrer e acordava no hospital, fiquei inconsciente por três dias, tive uma parada cardíaca, mas os médicos reanimaram-me e trouxeram-me novamente para dor, era minha escolha, por que interferir?

Faço coisas erradas, tenho vícios incontroláveis, a minha dor é tão grande que chego ao ponto de ferir-me, sentir dores que eu mesmo causei é um remédio passageiro, sei que não é a solução, mas alivia, sinto-me perdido, é uma troca de dores, entre a externa e interna.

Depois, me sinto bem, mas sinto-me outra vez

culpado, e no dia seguinte, começa tudo de novo, a dor interna, a dor física e o sentimento de fracasso, não consigo lidar com isso simultaneamente, e lá vou eu de novo, me punindo, por ser tão frágil e pequeno, perdi a noção dos meus atos, é algo que me domina.

Tento controlar-me, mas é difícil, sinto que mereço passar por isso, fico em desespero, o meu refúgio é ficar trancado no meu mundo, quando tenho insônia é uma tortura e sou obrigado a se automedicar para conseguir dormir, sei que também é errado, mas, só desta forma para fugir dos meus pensamentos, pois, se não fizer isso, serei fraco outra vez.

Não consigo pedir ajuda, tenho medo de julgamentos, só consigo desabafar escrevendo, é complicado falar sobre o que sinto, eu paraliso quando tento expressar-me. Eu acabei me excluindo do mundo e estou sobrevivendo assim, essa é a única forma de continuar, posso ser covarde em relação à morte, talvez logo eu a encontre.

As pessoas não fazem ideia do quanto estou a sofrer, sempre tento mostrar ao contrário, não quero preocupar ninguém e muito menos ser um fardo, já sou

grande o suficiente para tomar um rumo. Não demonstrarei o que realmente sinto, às vezes até tento pedir ajuda, mas ninguém me entende ou fingem que não entendem, então ergo a cabeça e continuo, esse é o meu problema e quem se importaria comigo, não sou ninguém.

Quando eu morrer, quero que todos saibam que será o dia mais feliz de todos, terminará o meu sofrimento e tudo isso irá acabar e espero encontrar a paz que tanto necessito, não quero tristeza no dia da minha morte, façam festa da minha libertação e comemore a minha liberdade.

Anjo Torto



PATRÍCIA RODRIGUES ROCHA

Nasci em Duque de Caxias, município onde me tornei professora dos anos iniciais do ensino fundamental pelo Instituto de Educação Governador Roberto Silveira (IEGRS). Cursei Pedagogia com habilitação em Orientação Educacional e magistério de disciplinas pedagógicas. Atualmente, sou orientadora pedagógica em Nova Iguaçu e professora da rede de ensino de Duque de Caxias. Ser professora e estudar sempre foram os objetivos principais da minha vida. Desde muito pequena, brincava na varanda de casa de escolinha, cercada de livros e o sonho de ser professora no futuro. Estou terminando o doutorado em Humanidades, Culturas e Artes (PPGHCA) da UNIGRANRIO, às voltas com as escritas acadêmicas, mas gosto de observar o cotidiano e escrever sobre ele, seja em prosa ou poesia, gênero que escrevo desde a infância.

VIVA A QUARENTENA: PARTE II

Em 31 de março de 2020, escrevi um texto que apresentava certa preocupação em relação aos casos de Covid-19 e a pandemia mundial que gerou. Eis o texto.

Viva a quarentena!

Para quem está na casa dos quarenta anos, como eu, deve estar perplexo e tenso. Em todos esses anos, não me recordo de ter ficado um tempo em isolamento a esperar algo invisível e mortal passar. O momento é de grande ansiedade e medo, mas é uma ocasião que nos convida à reflexão.

O tempo tem passado e com ele a angústia só consome. São muitas informações e orientações desencontradas. Devemos ou não ficar confinados? É recomendação da Organização Mundial de Saúde (OMS) e do nosso Ministério que fiquemos em casa. Àqueles que não podem ficar em seu lar porque são profissionais que exercem os serviços essenciais à roda-viva da sociedade vão pedindo a Deus, proteção, consciência e determinações plausíveis dos governantes. Quem não pode parar de trabalhar porque tem de sustentar a família fica entre a cruz e a espada,

esperando alternativas de governos também impactados.

Os casos de Covid-19 só vêm aumentando no Brasil. Chegamos à casa dos mais de cinco mil com a doença e mais de duzentas mortes. O que fazer com tudo isso à porta? Não nos desesperemos com as notícias de tantos casos. Só faz mal à nossa saúde mental.

Não acho repetitivo quando nos pedem para lavar as mãos constantemente, usar o álcool em gel, caso não tenha por perto água e sabão, e ficar em casa, se tiver a oportunidade. Se você pode ficar no aconchego do seu lar, agradeça por estar bem, se movimente, dance, leia, se arrume, limpe a casa, converse com sua família e ligue para os amigos. Assim, você só tem a contribuir para a curva das infecções se mover lentamente.

O que podemos tirar disso tudo? É tempo de recomeço para a mente, corpo e meio ambiente. Pelo mundo, o meio ambiente só melhora com menos poluição e mais vida, e só temos que agradecer. É momento de solidariedade e empatia. É época de pensarmos mais no próximo e aliviarmos nossa alma.

Cientistas, médicos e universidades nos âmbitos privado e

público estão se mobilizando na busca de melhores exames, aparelhos e medicamentos para abrandar a pandemia. A cura da doença se aproxima.

Viva a quarentena! A quarentena do amor, da fé e da solidariedade. Se importe com o outro, mantendo o cuidado consigo também. Felizmente, essa fase passará e ficará muita coisa boa como lição. Faça todas as tarefas de casa: cuide da alma, do coração e, em primeiro lugar, cultive o exercício da oração e do agradecimento.

Agora, uma epidemia de dengue assola o país e me pergunto: a pandemia de Covid-19 deixou ou não boas lições? Realizamos ou não ações assertivas que conduzissem nossas atitudes e relações diante de nossa vida e a vida do outro?

Vários Estados brasileiros vêm se mobilizando com vacinas e campanhas de conscientização da população. A mídia também tenta informar: use repelente, faça vistorias periódicas em casa e no quintal, mas os casos de dengue só aumentam.

Semana passada, me encontrei vasculhando cada canto da casa e coloquei meu esposo para limpar o quintal, com medo de ele não ser picado pelo mosquito: um ser tão pequeno, mas infectado, faz um estrago!

Assim, penso: só de conscientização material não basta. Como no texto lembrado, acredito na conscientização afetiva, ou seja, na fé, no amor e na solidariedade das pessoas, mesmo diante do caos.

Ficamos eu e muitos com a esperança de dias melhores. Que não percamos a fé, tomando todos os cuidados físicos, mentais e emocionais, nos importando com o nosso próximo e continuando nossa jornada pela vida!



PHILIPPE H. SCHERR

Saudações, meu nome é Philippe. Mineiro, introspectivo, parcialmente simpático. Sou escritor por terapia desde que me entendo por gente. Sejam poemas, músicas ou textos aleatórios. Aprecio vínculos genuínos, conversas longas e um café passado na hora.

Instagram: @umletrista

Email de contato: phscherr@gmail.com

DESENCANTADO

No momento importuno fez-se a busca
Do amor, a solidão é o que sobra.
No silêncio, o desencaixe se revela
Clareando pedaços de perguntas

A arrogância da mulher que não encanta
Sente seu tempo findar
A fidelidade do traidor que se basta
O dom do desperdício fazendo sementeira

O vazio arquiteta pontes
Na busca desesperada dos seus semelhantes
A tristeza jogada num canto
Ansiosa a se converter em beleza aos olhos do outro

Eu tenho planos
Devaneio
Divago

Só queria que me privar das feridas

Dos vazios
Das pessoas sem alma
Do que se mostra e é o oposto.

LINGUAGEM DO MUNDO QUIETO

Não entendo a linguagem do mundo
Nem caibo nele
As pessoas, as coisas, as tramas
A vida
Tudo insiste em apenas ser
Indecifrável

O amor que antes era falado, cantado, versado
Anda escondido nas letras, na literatura
Nos outros que nada falam
Só olham e olham e olham...

Penso ser, vejo, cerco, sinto
Mais indivíduo que população
A solidão, o troco da índole faminta

Irrestrita, inquieta

O acorde dissonante, o sorriso

Instante palatável

Trocamos felicidade e nostalgia

Tudo cabe no papel, tem sua palavra apropriada

Por definição

Finalmente, sobraram lembranças

Vagas, felizes, solúveis

Sorrisos, e toda a emoção manifesta

No rosto não tocado

Carregam os anos, linhas em braile

Que contam histórias profundas

Indiscretas

E porque não dizer

Apenas histórias

MERCADINHO

Fazendo feira, fazendo hora
Em te ver percorrer os corredores do mercado
Fosse pecado que não é
É só vislumbre da beleza do acaso
De braços rentes, cesta trançada de bambu
Mel, grãos de café, mascavo açúcar
O gosto puro de não ser tão refinado
Pele de cobre, vestido leve
Olhar transposto que atravessa a discrição
Me aproximo de passo incerto
Em direção ao turbilhão
Também chamado de mulher
Pimenta beijo, saliva quente
Percorre o corpo que sozinho é indigente
Um pensamento, prelúdio exposto
Na face quieta que anseia todo o outro
Palavra rasa, vontade intensa
O não dito diz o verbo que se pensa
O que se preza, pressa voraz
Nesses meus gestos que contrastam com seu tom

Cor de leveza, tão distraída

Não vê na fila

Minha presença curiosa

Na tua descoberta

SINA

Quando eu ainda não me dava conta

Meus prazeres eram simples

Eu tinha carrinhos, soldados e uma bola de futebol

Bastavam-me brinquedos

Em dias que não passavam

Tudo parecia em demasia simples

Como brincar na rua

Ou tomar banho no rio

Até que um dia cresci

E guardei tudo em uma caixa

Apareceram pelos na minha cara

E sensações me agitaram

A confusão habitou minha cabeça

Tive namoradas, fotos, cartas amarelas
Sorrisos secretos em bancos de praça
Escrevi meus primeiros poemas
E guardei tudo em uma gaveta

Estudei, me formei, trabalhei
Comprei ternos, prestobarbas, vinhos
Casa, carros, móveis
Trabalhei demais até ver que a vida era breve
Paguei a previdência e recolhi diversos recibos
Que foram parar nas mãos de um contador
E conseqüentemente
Dentro de outra gaveta

Comprei remédios, fiz exames
Fiquei velho, aparei o bigode com um ar
Distinto
Os dias ficaram enfadonhos pela minha percepção
Drástica e realista
E pela limitação jazia vagaroso
O meu corpo coberto de uma pelugem grisalha

Adoentei, fiquei de cama
Enquanto pessoas que já não lembro
Vêm me ver e chorar
Todas sabem, e eu também
Meu coração irá, num suspiro derradeiro
Aquietar
E como tudo na minha vida
Meu corpo sem vida será guardado
Em mais uma caixa.

SONHO

Por mãos dadas esperei
Com sorriso no rosto eu li nas pessoas
História alheia que não me pertence

No escuro da cama, desejei
Um amor que queira me cuidar
Fazendo da mesmice, tempo alado
Transformando minha velhice de poucos anos
Em noviço feliz ao seu lado

Quem é você que não vejo?
Amarei? Desconheço
Mas sei, anseio ser dois
Preciso de abraços a cada tropeço
Te preciso assim, reconheço

Quando digo não crer é puro disfarce
Eufemismo do medo, impasse
Solidão é segura, é fato
No entanto, do que vale um sapato engraxado
Não sendo par, pisada sozinha não passa
De trilha morta

Alma dos outros, terra estranha estrangeira
Paras os meus pés solitários
Minha querência sublime, escondida faceta
Onde existe um mapa para nosso lugar nenhum



PHILIPPE THORP

Philippe Thorp nasceu em 31 de março de 1994. É formado como bacharel em Letras-Grego pela Universidade Federal Fluminense. Utiliza de heterônimos, tais como Lucas Gabeira, Felipe Cubas e Charles H. Oudream, Khalifia, Erika Vernon e Ayumu Sato.

ROBESVALDO

(Ayumu Sato)

É uma criança sapeca e levada.
Só que, ao acabarem as férias,
Caiu de cama com tosses sérias.
Nem tinha forças para ir à privada!
Preocupada, a mãe chamou o Deitor
Um urso gringo com título de doutor.

Assim que bateu o olho no paciente
Tirou da maleta um pequeno frasco
E o fez beber do xarope. Teve asco
Do sabor. “Esse é um meio eficiente
De saber qual ser a doença do garoto”
Disse Deitor, com olhar meio torto.

“Que que meu filhinho tem? É grave”?
“Non. Ele sófrre de prreguicite agúda,
Mas o xarrope de Pinóquio muito ajuda
No trratamento. Entrretanto, a chave
Está na sua posturra, dona Laurriana.

Co teu pimpolho está sendo leviana”.

“Ah, Deitor, não sei o que eu faço”.

“Agorra que a xarrope fez efeito,

Te indico um remédio perfeito

Parra quem acha que adulto é palhaço”

Entregou a Lauriana o seu laudo.

Robescaldo sentiu entornar o caldo.

A mãe orca, chocada, lê e relê

O papel. Pergunta ao filho então:

“Está mesmo doente”? “Estou não”.

Logo tomou o remédio de Samba-lelê,

Em dose única, e partiu ligeiro pra escola.

Riu o Deitor: “Mentir é feio e non cola”!

ALÍCIA

(Charles H. Oudream)

Alícia você mente

Está enganando Omar

De males às montanhas
E o enterras sem largar

Deportas marinheiros
Em fila desesperados
Cagados de trabalhos
Mal pagos sem dinheiro

Alícia é uma mãe
Metida a sonhadora
Sua voz é de velhice
Na voz gaiata chora

Alícia, e o que temos?
Enterra Omar bem lento
Te vai outra Alícia?
Te vai mais sofrimento?

A Alícia damos nós
A gente vai à forra
Se busca uma Alícia
Senti: é uma furada.

DEIXO-TE PROSA

(Khalifia)

Se pouco converso,
Fico imerso n' universo
E em verso bem faço o inverso

CANÇÃO DO EXCITO

(Felipe Cubas)

Minha terra tem rameiras,
Que escondem o tamandúá.
As moças que aqui receiam,
Não receiam como elas lá.

Vosso céu nos permite entrada
Vossas várseas têm mais cores,
Vossos picos não dão vertigens
Vossa vida é com mais sabores.

Em espiar, sozinho, à noite
Mais prazer terei eu lá;
Minha terra tem rameiras,
Que escondem o tamanduá.

Mas minha terra tem pudores,
Qu'as tais moças reprime de brincar;
Em espiar, sozinho, à noite
Mais prazer anseio lá;
Minha terra tem rameiras,
Que escondem o tamanduá.

Não permita Mundo que eu morra,
Sem o gozo de lhas provar;
Que desfrute sem pudores
Das moças que reprime de brincar;
Sem qu'inda visite as rameiras,
Que escondem o tamanduá.

REAÇÃO DE MAILLARD

(Helenn Nurunuru)

Consiste numa complexa reação química
Entre os açúcares redutores e a proteína
(Os aminoácidos desta) pela qual refina
O alimento, dando uma cor dourada típica
Pelo processo de cocção bastante eclético,
Aprimorando seu caráter organoléptico.

Porém, pode-se explicar doutra forma:
Quando um alimento é posto no fogo,
O calor cria uma casca, que deixa gostoso
Criando intenso aroma que transforma
Um alimento, outra cru e sem graça
Num prato apetitoso que um chef faça.



RENATA ROSS

Mulher, mãe, professora e escritora. Formada em Letras com Pós-graduação em Língua Inglesa. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira. Autora de *Fragmentos de um coração*, *S.O.S. Educação Infantil (Dicas de professor para professor)*, *Arvorida*, *Arborling* e *De coração para coração*. Brasileira vivendo nos Estados Unidos. Amo Literatura, artes, música e natureza. Caminho com o propósito de promover educação cognitiva, emocional e ambiental.

LEMBRANÇAS

Era um daqueles fins de semana de verão onde a família se reunia na casa da minha tia.

Os tios jogavam baralho na mesinha de bar que ficava debaixo dos coqueiros.

As tias e minha mãe entre a cozinha e de olho na gente...

Tocava Balão Mágico e minha irmã brincava com a boneca gigante, do meu tamanho na época, toda de plástico pintado... mas era a Mônica e também tinha o Cebolinha.

Ao som de super fantástico, vozes alteradas que falavam sobre o jogo e gritos de "para com isso, menino!" a gente sentava na varanda larga, de chão vermelho, muito bem encerado.

Naquele espaço fresquinho a criançada esperava para comer o cheiroso espaguete italiano, ou no meu caso, macarrão com feijão preto...

Registros guardados na fotografia e no coração.

S(C)INESTESIA

Suas palavras chegaram primeiro
Trazendo alegria e elevação da minha alma
Me curaram feridas latentes
E eu quis mais...

Seus olhos fitaram o mais profundo de mim
E ali, de novo, pude me ver
Quem realmente sou na natureza do ser

Suas mãos me receberam e trouxeram para os braços
Naquele abraço que uniu nossos corpos e me acolheu por
inteira

Sua boca me falava de risos e me fazia sorrir
E seus lábios suaves me deixaram provar do seu sabor...
Doce

Seu cheiro me invadiu até pelo poros
Dividimos nossos perfumes, dos corpos e da essência da
vida
E fomos um só aroma em êxtase.

Fomos sentimentos por todos os nossos sentidos.



RICARDO GUEDES KUMM

Ricardo Guedes Kumm, natural de Dourados - MS.

Outubro de 89.

FOI NESSA VIDA?

Quando foi que parei de me sentir alguém?
Que parei de me ver como pessoa?
Quando foi que perdi meu reflexo verdadeiro,
E meu eu se obscureceu na sombra?
Quais erros, quais pecados infundáveis
Que ato imperdoável me condenou ao cárcere,
Onde me tratei com crueldade sem fim?

O que uma alma infantil, na tenra infância,
Cometeu de tão vil que até hoje assombra?
Por anos busquei, em vão, um traço de luz

O que fiz de tão imperdoável
Pra ter me tratado tão mal desse jeito?
Qual minha cruz?

Não consigo sequer um rastro
Do que posso ter cometido

Um dia terei compreensão

Por hoje, só agradeço estar vivo.

A esperança sustenta,

É uma dose de conhaque na jornada da minha aflição.



SAWAN ALVES

Me chamo Sawan Alves, 38 anos e moradora de Florianópolis/SC. Formada em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina, e especialização em Africanidades e Cultura afro-brasileira pela Unopar. Atuo como Educadora Social pela Prefeitura Municipal de Fpolis. Amante da boa leitura, principalmente da temática racial. Redes Sociais: @afroleitorasaw

ISIS

Quantas palavras jogadas ao vento.

Quantos sentimentos deixados de lado por orgulho!

Restou somente a lembrança...

Nossos corpos entrelaçados tornando-se um.

Momentos de paixão eternizados na pele e na alma.

Cada um seguiu seu caminho!

Olhares entrecruzam-se e na mente o desejo, a lembrança.

A paixão nos mostrou os sorrisos.

O destino nos reservou a solidão.

A vida nos ensinou a seguir em frente.



SHIRLEY DA ROSA GARRIDO

Carioca, residente em Duque de Caxias. Professora e Assistente Social, trabalho com Projetos Sociais desde 1993. Nesses 30 anos foram diversas as participações em congressos, seminários, simpósios, formações e cursos. Atualmente atuo como Gestora e mediadora de leitura da Biblioteca Comunitária Josimar Coelho da Silva que integra a Rede de Bibliotecas Comunitárias Tecendo Uma Rede de Leitura em Duque de Caxias, desde 2013; A REBCRIO - Rede Estadual de Bibliotecas Comunitárias do Rio e a RNBC - Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias onde atuo no Conselho Gestor. Como escritora, participei da antologia "Cantando Auroras - quem conheceu a saudade pode cantar auroras", ano 2021; Da publicação "10 anos da Tecendo uma Rede de Leitura", como escritora e organizadora, ano 2023 e da Antologia "Amor & Esperança" ano 2024.

A GENTE SE ACOSTUMA...

A gente se acostuma a sorrir para as pessoas, sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando muito precisamos ser vistos. A esperar com ansiedade para um encontro e ouvir depois “Não pude ir”. A acordar sobressaltados pela hora que teima em correr demais.

A gente se acostuma a morar em apartamento de fundos e a não ter outra vista que a janela ao redor e assim não olhar para fora, não abrir as cortinas, se acostuma a sempre acender a luz. Esquecemos com isso do Sol, do ar, da amplitude.

A gente se acostuma a ler rapidamente o jornal, porque não temos tempo... A comer sanduíche porque não temos tempo de almoçar. A cochilar no transporte de volta para casa porque estamos cansados.

A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja, a lutar para ganhar dinheiro, a ganhar menos do que merecemos, a enfrentar filas para pagar e a pagar mais do

que as coisas valem. Assim trabalhamos mais e sempre mais.

A gente se acostuma à poluição. As salas fechadas com ar condicionado. O cheiro de cigarros. A contaminação da água do mar. A lenta morte dos rios. Se acostuma a não ouvir o canto dos pássaros, o canto do galo na madrugada, a não colher frutas no pé e a não ter plantas e árvores no quintal de casa.

A gente se acostuma a coisas demais para não sofrer... Em doses pequenas, tentando não perceber.

A gente se acostuma para poupar a vida, que aos poucos se desgasta de tanto nos acostumarmos a tudo.

A gente se acostuma tanto, que acabamos nos perdendo de nós mesmos.



SIMONE GARCIA

Atualmente é pedagoga no Centro de Formação Pe. José Anchieta - CEPAN, Secretaria de Educação e Desporto Escolar - SEDUC/AM, desde 2004. Especialista em Metodologia do Ensino Superior (UFAM), Gestão Escolar (UFAM) e atualização em Neurociências na Educação (USP). Foi professora na Universidade Federal do Amazonas e faculdades privadas.

COISAS QUE NUNCA DISSE

Quando penso em palavras nunca ditas,
Em minha mente surgem memórias infinitas.
Meus pensamentos voam e meu coração acelera,
São segredos ocultos na qual minha mente pondera.

Amores, tristezas, incertezas e saudades,
São sentimentos profundos, com verdades.
Em meu peito se escondem, calados,
Alguns machucam e ficam sufocados.

Segredos que somente agora em meus versos, encontram
VOZ,
Libertam-se de amarras e ganham destaque feroz.
Coisas que não proferi, agora escritas com emoção,
Deixo minha alma e coração falarem em poema ou canção.

DEIXO-TE

Quando eu partir, em meu legado,
Não serão coisas materiais deixadas ao passado.

Mas sim amor, memórias de alegria e diversão,
Meu cuidado, carinho, orações em profusão.

Minha fé, de que tudo ficará bem,
Seu futuro promissor, para você e quem vem.
Entre todas as pessoas que amei,
Você viveu em meus olhos, coração, alma, eu sei.

Por te amar, te libertei para viver,
Te dei tudo o que pude, sem me deter.
Então, quando quiser lembrar de mim,
Escute as músicas que embalaram antes do fim.

Leia meus poemas e também saberás de mim.
Ao reler entenderá tudo que pensei e que vivi.
Pois por meio deles, entenderas cada não e sim.
Verás filho que este poema eu fiz pra ti.

Dance pela casa como eu dançava,
Sorria e cante, como se a vida não parava.
Pois em cada melodia, em cada passo,
Estará minha presença, em seu abraço.

Assim, meu amor o nosso vínculo se eternizará,
Em lembranças vívidas, que jamais se apagará.
E quando o tempo passar, e eu não estiver mais aqui,
Saiba que nosso amor transcende o existir.



STEPHANNY LAURA

Meu nome é Stephanny Laura e sou cristã, tenho 15 anos, moro no Rio de Janeiro. Nos meus tempos livres gosto de escutar música e de sair com meus amigos, minha comida preferida é lasanha e bebida é café.

TU ÉS

Entre as flores é impregnante, entre a tempestade é a serenidade, entre o universo é a raiz. Assim tu és como o sol, onde me aquece e ilumina meu coração. Na floresta sem direção é meu guia, é meu amigo e rei. Seu cabelo é como um campo de girassol, seu olhar são como de fogo e sua voz como de leão. Me sinto apaixonada por você, meu coração precisa estar vinculado com o seu, meu toque precisa estar prendido aos seus braços. Na beleza da flor, na treva da floresta e no resplendor do céu, estar sempre comigo em cada estação. Você costurou as minhas feridas, você me agarrou quando cair, você me manteve aquecida no frio e do poço me puxou. No universo vejo sua beleza incomparável, entre tantas coisas, tantas pessoas, você é meu oxigênio e vida.



SUELY MOTTA

Suely Motta nasceu no Rio de Janeiro, em 1973. Administradora de formação e mestre em gestão, Professora Universitária e estudante de Letras. Como Escritora publicou uma biografia, onde conta sua experiência com a maternidade atípica, e cinco livros infantis.

ABANDONADA

Não era oficial

Mas era assim

Abandonada

Que eu me sentia

Nenhum contato visual

Nenhuma atenção

Nada que eu fizesse

Me sentia aprovada

Ou amada.

Eu tentava, me esforçava

Fui me tornando uma menina engraçada

Mas carente, muito carente.

De carinho, de amor,

Mas acima de tudo

De atenção.

De alguém que se importasse

E me olhasse
Ou me valorizasse.

Pode parecer exagero
Mas a criança requer atenção.
Então, por favor entenda,
E tire o celular da mão.

Sei que adulto tem outras prioridades
E muitos estão sempre ocupados.
Mas não esqueçam, por gentileza,
A gente não pediu para nascer.

E, mesmo que também não tenha sido
Uma escolha sua,
Nesta relação
O adulto é você.

É uma vida que está neste mundo
E precisa de afeto
Para se sentir completa
E entender que é importante

Por isso ouça,
Enxergue, dê atenção.
E até mesmo disciplina!
Não abandone não
Mostre que se importa
Valorize, acolha
E vai se surpreender
O quanto a gente
Vai gostar de você



SUÊNIA LIVENE

Meu nome é Suênia Livene. Sou filha de Geralda e Sidrônio. Neta de Maria, Benedito, Nedite e Leandro. Irmã de Sueldo e Suelém. Tia de Samir, Yasmim e Isabelly. Gosto de contemplar a natureza e observar pessoas. Sou apaixonada pela vida, pelas artes e aprendiz de poesias, atualmente, mestranda em Administração Pública.

AUTOPERCEPÇÃO

Neste momento, como me percebo: triste, solitária, calma, duvidosa, pronta ou sentindo as respostas sobre os meus múltiplos dilemas ecoados pelo meu silenciar?

Sinto que as emoções são pontuais e convergentes para as tentativas de guardar os tateados e libertos anseios, medos e desejos.

Os ímpetos de felicidade parecem cronometrados em estados presentes e passados. Em certas fases certificados pelas certezas do in(existir).

A persistente e necessária transposição de vivências tece o enredo da busca pelo contentamento, experienciado e enraizado, durante as percepções que continuam presentes neste ser inquieto e sonhador, para as mais belas e singelas experiências.

Meu olhar está em mutação, porém requer ação para suportar as desconhecidas veredas que um dia irei

escolher chegar, parar ou ultrapassar. Esses momentos de inquietação e autopercepção são contínuos e de certo modo, ajudam a preencher as lacunas experienciais deste ser em ser humano.

ENTRE NÓS...

Os momentos tornam-se memoráveis,
quando percebidos carinhosamente.
Seja por meio de bons dias oculares ou
aconchegantes abraços selares.

Há sussurros em pensares,
por um mesmo bem querer,
vivenciados em lugares e
sempre desejado entre nós.

Sentados à mesa, frente a frente,
olhares a tomarem-se e a tornarem-se.
ecoados e reflexionados em sentimentos.

Materializados em singelos atos,
que transbordam sinceros fatos,
construídos por sólidos tratos...

MAINHA

Sua existência é acrescida
pelas situações imperativas
dentre tantos motivos,
a transformam enternecida.

Sua missão é permanente
em cuidados abrangentes
e com olhares evidentes.

Suas bravuras e exemplos
são selos que a distingue
como referências ímpares.

Nossa amada mainha Geralda.
Abençoada seja sua vida,

Sentimentos Escritos

por seu amor imensurável,
e por ser a nossa riqueza, inestimável.



TAIANA JANAINA VARGAS RIBEIRO

Sou Escritora. Coloco sobre o papel tudo que sinto, as dores, os medos, os pensamentos. Demonstro através das palavras o que não consigo dizer, refletindo aos outros o que está em mim. Através da escrita, meus pensamentos voam e a mente se acalma, por um breve instante de imaginação. Faço das palavras abrigo, com elas eu sou tudo que meu coração sentir.

SONHO, LIVRO E UM PUNHADO DE LETRAS

19º dia, me encontro sobre a cama. Na espera de ideias, quero escrever um bom livro. Talvez minha própria história, ou de outra pessoa. Quem sabe? O destino, os sonhos ou o presente? Não tenho certeza sobre o acaso, mas tudo será bem vindo.

Precisa comover. Fazer chorar, sentir, gritar. De raiva, de dor, de ódio.

Precisa acolher. Abraçar, acalantar, acariciar a alma.

Não pode ser vago, nem sutil. A vida não é assim. Os caminhos são tortos e sinuosos.

Certo que as linhas do caderno em que ousou rabiscar de tinta, são retas. Mas não se define ao que escrevo.

O que sinto é desproporcional. Guardados, relíquias, obras de valor.

Nada que impeça que venda, faça um bazar de tudo que a aqui dentro. Mas não acho que comprariam pedaços do que um dia foi inteiramente só.

Não é mais um livro. É o único a ser lançado, lido, entendido, comprado.

Precisa conter todas as lágrimas, os desafios incompletos, os desfechos incoerentes, os planos pela metade.

Não basta mil caracteres, se são tiver alma, corpo, mente e sensação.

O frio na barriga, a insegurança, a vergonha, a timidez. Tudo que fizera parte do meu trajeto. Cada pedacinho de vago, de incerteza, de medo, de esperança.

A infinita busca por respostas, por conclusões. Fatos certos, sem meio termo, sem rodeios ou desentendimentos.

Me encontro sobre a cama, olhando para o teto, na espera

que ele me dia algo. Que as cortinas balancem mesmo sem vento, que a porta se abra do nada, que uma voz ao longe me chame.

Qualquer coisa, por mais que pequena, que me traga inspiração. Quero escrever um bom livro.

Sobre mim ou sobre alguém. Não importa. Quero apenas escrever.

Me expressar, demonstrando a meu modo, traçando sobre a folha uma caligrafia única e que reflita meus pensamentos.

Divago em ondas profundas, escalo montanhas e ousa criar histórias. Vejo sobre mim páginas rasgadas, versos incompletos e diversos erros de português.

Não quero por um ponto final, me sinto bem apenas com a vírgula. A capa sem ilustração, o texto sem revisão. Nada como a imaginação, para divagar sozinha.

Vou escrever um bom livro. Tocado com a alma e sentido com o coração.



TALLITA MONTEIRO

Tallita Monteiro, apaixonada pelas palavras, ainda na adolescência usou a escrita como uma fonte de expressão dos seus sentimentos. Cada palavra surge de forma espontânea revelando os segredos de uma mente apaixonada que fascina quem as lê.

UM CONVITE

Se você conseguir imaginar...

A chuva caindo lá fora, trovões e relâmpagos cercando a cidade, o caos há tempos instalado ficando cada vez mais evidente e pulsando dor aos nossos olhos... O cansaço nos persegue e nos abate. Enfim, são dias difíceis! Porém você vem e cruza aquela porta da casinha que te espera e ambos sentem uma pontada de alívio se disseminando sobre a mente e o corpo.

Apenas relaxe, deite ao meu lado aqui neste sofá e esqueça o mundo lá fora. Aqui na nossa fuga da realidade não cabe o peso da rotina e nem a angústia dos dias.

Vem e deita, que eu repouso sobre você e encho-te de beijos, enquanto contornas meu corpo com tua barba me inundando de carinho. As noites sempre se tornam prazerosas em teus braços.

Se não for pedir muito, posso te fazer um convite?

Convido-te a dançar comigo na solitude das

nossas almas e acalantar com liberdade os nossos sonhos mais loucos. Seremos dois, dividindo um mesmo espaço e tempo enquanto nossos corpos se fundem. Vem, invade-me lentamente até estremecer intensamente as batidas desse coração que pulsa ferozmente por ti.

Pois é a tua chegada que me salva dos precipícios antigos, e sem esforço algum, te vejo morando entre as minhas lembranças mais agradáveis. Encaixando-se tão perfeitamente sem sobras, que um novo coração se formou (totalmente inteiro) para te receber... Não do lado esquerdo, mas sim do direito, fazendo ser inédito tudo que sinto por você.

Então, não só nessa noite chuvosa, mas nas manhãs ensolaradas, vem e aquece de emoção os segundos das horas que constantemente parecem entediados sem você. Apenas vem e divide o sofá comigo, os sonhos, os desejos, o caminho e por fim a vida, para tornar rotina esta calma que ocasionalmente nos permitimos ter.



TATI TUXA

Norte-mineira, graduada em Direito, servidora pública, escritora e, sobretudo, sonhadora! Fundadora do Clube Criativo Tati Tuxa, sempre foi apaixonada por leitura e escrita! Em 2016, com o nascimento da irmãzinha, começou a escrever as primeiras histórias infantis e não parou mais!

UM AMOR DE JUSTIÇA

Boa parte dos estudantes de Direito escolhem o curso pensando em "justiça". Isso pode ser observado nos primeiros dias de aula, nas respostas dadas pelos calouros quando os professores perguntam o porquê de estarem ali. Com o passar dos períodos e o avanço dos estudos, os acadêmicos começam a entender que a Justiça nem sempre é justa.

Com Antônio, não foi diferente. Desde menino, queria fazer Direito. Mesmo não tendo nenhum familiar que atuasse na área, Antônio sempre se imaginara advogado. Em casa, adorava fazer a defesa dos irmãos perante os pais. A não ser, claro, nas situações em que se sentia a vítima e tinha, então, que acusar os irmãos.

O que ele mais gostava mesmo era do debate, de apresentar seus argumentos e de convencer os outros de que estava com a razão. Gostava tanto do debate que, por vezes, defendia um ponto de vista contrário ao seu, apenas para não deixar morrer uma discussão. Desde que fossem discussões respeitadas.

Na escola, Antônio sempre se destacava pelo seu

poder de comunicação e argumentação. Adorava ser líder de turma e representar os colegas perante a Direção do colégio. Sempre que se deparava com uma situação-problema e encontrava uma solução satisfatória tanto para os alunos quanto para os professores, sentia-se plenamente satisfeito! Para ele, a justiça havia sido alcançada!

A bem da verdade, Antônio também tinha excelentes habilidades como mediador e conciliador de conflitos. Tanto que, ao longo da faculdade, fez estágio no Setor de Conciliação do fórum e adorava ajudar as partes envolvidas nos processos a chegarem a um acordo.

Foi também na faculdade que Antônio conheceu uma pessoa que mexeu com seus sentimentos, levando-o, por vezes, a questionar seu senso de justiça: Gabriela.

Gabriela era uma jovem linda, que, já no primeiro dia de aula, despertou a atenção de Antônio. Porém, ao contrário dele, ela era muito tímida. E acabou se aproximando de colegas mais reservados, como ela. O caráter extremamente expansivo de Antônio, a princípio, a assustou.

Ele logo percebeu que provocava esse sentimento

nela. E já não achou justo. Como era possível que aquela que ele sempre considerara sua melhor qualidade poderia afastá-lo da mulher de quem ele queria tanto se aproximar? Definitivamente injusto!

Contudo, Antônio não era de desistir e resolveu ser paciente. Ao longo do primeiro período do curso, percebeu que, apesar de tímida, Gabriela tinha fortes opiniões e argumentos sólidos para defender seus pontos de vista. Tampouco admitia injustiças. E isso fazia com que ele a admirasse ainda mais. Não somente por sua beleza, mas, sobretudo, pela sua inteligência.

Nos primeiros meses, trocaram poucas palavras. Foi só no segundo período que puderam se conhecer melhor: através de um sorteio feito pelo professor de Direito Penal, caíram num mesmo grupo para um trabalho. Cada grupo recebeu um tema polêmico e tinha que se subdividir em dois, cada metade defendendo um ponto de vista favorável ou contrário ao tema designado.

Antônio ficou feliz por ter caído no mesmo grupo que Gabriela. E esperançoso de que ficassem juntos também na subdivisão. Assim, poderiam passar mais tempo na companhia um do outro e se conhecerem

melhor.

Gabriela partilhava dos mesmos sentimentos. Felicidade, por ter caído no mesmo grupo de Antônio. Também vinha observando o colega há meses, mas nunca criara coragem para conversar melhor com ele. Aquela parecia ser a oportunidade perfeita. E esperança de que ficassem juntos na subdivisão. Porém, as motivações de Gabriela para esse segundo sentimento eram outras: temia ter que enfrentar um debate contra Antônio, caso seus pontos de vista fossem divergentes.

O tema sorteado para o grupo deles foi a redução da maioria penal. De pronto, revelaram-se contrários os posicionamentos de Antônio e Gabriela. Ele era completamente contra. Ela, totalmente a favor.

Ele desanimou um pouco ao constatar aquela divergência. Ela estremeceu só de pensar em debater com o melhor comunicador da turma. Porém, ambos deixaram esses sentimentos de lado e nenhum deles deixou de apresentar seus argumentos e defender, com afinco, suas respectivas visões de justiça. Resultado: foi a apresentação mais elogiada pelo professor e pelos colegas.

Como uma espécie de bônus, Antônio e Gabriela

encantaram-se ainda mais um pelo outro: o respeito ao debate e o amor à justiça passaram a ser a base daquele relacionamento. Começaram como amigos e, a cada debate, sentiam-se mais apaixonados um pelo outro. Tentaram resistir por um tempo, pois as opiniões dos dois sobre os mais variados assuntos (polêmicos ou não) quase sempre divergiam.

Mas a paixão falou mais alto. E, antes de terminarem o terceiro período, já estavam namorando. Os períodos da faculdade foram passando, os debates jurídicos acontecendo e a paixão transformando-se em amor. Um sentimento mais calmo, porém igualmente arrebatador.

Para os colegas de Antônio e Gabriela, que acompanharam aquela história de amor e justiça desde o início, nada parecia mais justo do que o amor daquele casal, dois jovens com pontos de vista jurídicos tão diferentes e, ao mesmo tempo, movidos pelo mesmo ideal: a busca pela justiça.

Por vezes, Antônio via justiça onde Gabriela não via. E vice-versa. Contudo, os dois continuavam a respeitar o direito ao debate e ainda acreditavam no poder de

decisão da Justiça.

Formaram-se. Antônio tornou-se Defensor Público. Gabriela, Promotora de Justiça. Carreiras jurídicas geralmente vistas como antagônicas. Entretanto, com o passar dos anos no exercício de suas profissões, Antônio e Gabriela chegaram a duas conclusões consensuais.

Primeira: a Justiça nem sempre era justa mesmo. Nem do ponto de vista de Antônio. Nem do de Gabriela.

Segunda: o amor que sentiam um pelo outro era o mais próximo que ambos jamais poderiam chegar de um sentimento pleno de justiça.



THAIS FAUSTINO BEZERRA

Gosta de escrever e compartilhar girassóis em Escrita da Girassol (@escritadagirassol).

<https://www.instagram.com/escritadagirassol/>

Gratidão, Deus!!!!

SENTIMENTO DE AMOR

Encontrei um sentimento de amor,
Há tanto tempo que eu procurei.

Mas esse sentimento de amor
Sempre esteve ao meu lado.

Esse sentimento de amor,
Que me fez florescer em cada manhã,
É maravilhoso, belo e verdadeiro.

Esse sentimento de amor
É a certeza de que sou amada e cuidada
Em cada momento da minha vida.

Esse sentimento é a prova viva
Que faz pulsar o meu coração
Em cada batida e sorriso.

Esse sentimento é a certeza
Que Jesus é comigo para sempre.

Sentimentos Escritos

Jesus faz meu coração brotar
Os mais belos sentimentos de amor
Que me fazem caminhar com mais alegria
Nos desafios da vida.

Só agradeço a Jesus
Por tamanho amor nos meus dias,
Pois minha vida é regada
Com o mais belo sentimento de amor de Jesus.



VANESSA JAMILE

Vanessa Jamile, Pedagoga e Curadora de literatura Infantil, se dedicou à área de Educação Infantil, como professora e Coordenadora Pedagógica, mas sempre com o sonho de se tornar escritora de literatura infantil, começou escrevendo pequenas histórias, porém atualmente a inspiração aumentou e o antigo sonho tem tido mais horas de dedicação.

AS MAIS, MAIS DA MINHA VIDA

Na vida gostamos de fazer várias coisas,
mas sempre temos as mais, mais.
Vamos fazer uma lista

Feche os olhos
Sonhe...
com as mais, mais da sua vida.

Se esconder na caixa de papelão
é melhor que ganhar um presentão
depois de andar de avião.

Soprar bolinhas de sabão
é melhor que ficar na solidão
dentro do barracão.

Tomar banho de chuva
é melhor que morder a lua
e sentir que ela é crua.

Rolar pelo chão
é melhor que fazer lição
só se for redação.

Soltar papagaio
é melhor que deixá-lo no balaio
esperando ocasião.

Modelar massinha
é melhor que comer coxinha
sozinho na cozinha.

Brincar de cabana
é melhor que plantar banana
na vida cotidiana.

Pular amarelinha
é melhor que ficar na telinha
perdendo tempo nas entrelinhas.

Ouvir várias vezes a mesma história
é melhor que perder a memória

e esquecer a poesia.

Amar você

é bem melhor, mas muito melhor

que te esquecer.



VANESSA LUCIANA

Mediadora de leitura, designer, ilustradora, comunicadora, seu objetivo é tornar a sociedade mais leitora com livros e informações de qualidade.; “Desenvolvi, por meio do voluntariado no trabalho social, a percepção da importância do coletivo, da leitura como direito humano e do respeito como principal objetivo para todo sonho a ser alcançado.”

SENTIR

Quando meus sentimentos transbordam pela primeira vez eu não me entendia, não me permitia entender, por muito tempo tive achismos de não merecer. Em meus próprios erros me perdia, querendo reconstruir cacos de vidro, talvez outros pedidos impossíveis de querer, mas o pior é vê o insubstituível pra mim me substituir, e mesmo assim eu precisar sorrir.

Me esconder e aprender que nesse caminho de entender damos valores aos que achamos certos e vê que eles também cometem erros, mesmo que discreto é comum e que qualquer um entre nós tem esse fardo, de transbordar milhões de sentimentos.

Sortudo é quem encontra abraços, sorrisos, um ombro amigo, compreensão, onde essa busca é constante, e ser aceito e entendido com respeito se torna um objetivo, permitir entender os sinais de socorro que mostram o quanto eu precisava me escutar mais, me amar mais pra poder querer e aceitar o amor do outro e retribuí-lo.

Mesmo que as mudanças mexem com tudo e principalmente com a nossa segurança, sempre vai ter algo novo, aprendi a me permitir a ter medo, mesmo que seja desconfortável mas eu trago a coragem pra me aconselhar e mudar aquela atitude que parecia difícil de tomar, seja pra melhor ou pior, não dá pra prever mas o objetivo continua sendo por nós mesmo de fazer acontecer.

O tempo e os obstáculos nos ajudam a entender os nossos medos, a perdoar, como uma prova de amor para si próprio, se conhecer e se fortalecer, se permitindo evoluir, crescer e entender o significado de ser feliz mesmo que com o simples, por um toque que até mesmo um estranho pode conceder.



VÂNIA PINHEIRO

Vânia Pinheiro nasceu e reside em Nova Iguaçu (RJ). É professora de Língua Portuguesa, graduada em Letras Português/Inglês pela UNISUAM e possui Especialização em Literatura Brasileira pela UERJ. É contadora de histórias e publicou os livros *A Menina do Vestido Azul* e *o Colar de Conchas e Salzinho da Terra* pela Editora Panóplia.

COMO EU SEI QUE SÓ O AMOR EXISTE?

Será que estarei com você amanhã? Não importa. O precioso da vida é estar com você agora. Na maioria das vezes em que estamos juntos não nos olhamos, não percebemos quem somos, não nos conhecemos. Somos apenas um homem chamado Alfredo que ninguém sabe de quê. Não nos damos atenção, não temos mãos para dar e o gás do bujão insiste em arder os olhos e o olhar. Sinto por não ter aproveitado mais a convivência com meus últimos colegas de trabalho. Não tê-los apreciado mais; embora os tenha amado o máximo que eu sabia à época. Pretendo estar com as pessoas quando estivermos juntos na escola, na religião, no passeio, em casa, no ponto de ônibus, na fila do banco... - não esquecendo que às vezes ficar só é importante para a evolução da alma - mas só um pouquinho -. Você acredita que só o amor existe? Eu acredito. O ódio não é o oposto do amor. Ele é o amor que adoeceu, porque ninguém mais lhe abria as portas do coração. Mas é difícil acreditar que só o amor existe quando vemos aparentemente o contrário, não é? Como eu sei que só o amor existe? Ah! Experimente amar quem

odeia. Ele odiará a todos, menos a você. E se todos o amarem, ele deixará de odiar e as portas de seu coração abrirão para a vida.

I

Quanta beleza
em preto e branco
ao andar sinuosa

II

Minha Bolinha
Bela gata gatinha
Saudades de ti

III

Gata Bolinha,
até o reencontro
é teu, o meu amor



VANICE RICARDO DO NASCIMENTO

Professora e Poetisa. Tem poemas publicados pela Editora Contos Livres e outras antologias. Prefaciadora da Antologia *O Grito Delas, A Voz Silenciada* que agora ecoa. Pela editora Brunsmark. É autora do livro: *VIDAS*, pela Coleção *Mulher Maravilhosa*, Volume 8, uma edição da ALB Campos RJ GRUPO EDITORIAL.

SER OU NÃO SER POETA

Não, não sou mais poeta que o vento
Mistral , tão seco
Mais violento que qualquer homem
Vento monção que causa tumulto.

Não, não sou mais poeta que os grãosinhos
De areia desta terra, da sua granulometria
De impurezas ou não
A que serve de valor dado pelos homens.

Não, não sou mais poeta que o rato
Causador de repugnância a tantos seres
Apesar de sinantrópicos entre nós.
É parte do nicho e equilíbrio ecológico.

O poeta bebe, come e dorme pensando:
Não é nada sem a presença
De todo e qualquer movimento da criação
Da vida.

UMA POESIA TRISTE

Uma poesia feia de um poeta triste
Sem ornamentos de valores humanos
Sem a beleza da essência humana
Sem o brilho de uma natureza despoluída.

É a feiura da ganância, exploração
Do homem pelo homem
Pela cor, força, poder
Causada pela submissão da miséria.

É a poesia feita de detritos, lixo, fedor
Da rua sem luz causador do medo:
O fruto da ocasião do furto, roubo, morte
Espreitado pela alma sem luz.

E a ausência da gratidão
Não houve laço para uma boa ação
Para um outro, quem sabe oportunidade
Uma paciência com quem nada sabe.

A multidão na diversão

Uma população na cracolândia

Os bilionários exemplos de felicidade

Os poetas invisíveis e infelizes.



VERALOUFI

Sou Veraloufi. Tenho 59 anos. Sou mãe, professora, escritora e cidadã. Amo as palavras proferidas e as escritas. São transformadoras. Trabalho desde os dezessete anos. Minha profissão ama as palavras. Tenho dois filhos jovens. São dedicados aos estudos e também as amam. Como cidadã, sei o valor e o significado do bom uso do diálogo, a sabedoria de articulá-las em busca de um mundo melhor.

REGISTROS, PAPEIS E ETERNIDADE

Amo fotografias. Confesso que gosto mais das impressas. As digitais também registram momentos, mas morrem na primeira limpeza de arquivos do celular. São as de papeis especiais que deixam nossas vidas eternizadas, marcadas para sempre. São encantadoras de mentes porque possuem um toque divino.

Meu pai amava fotografar. Tinha a sensação que se imaginava um mago que detinha o tempo e o espaço em suas mãos. Um pouco dono da vida. Tenho certeza que herdei sua arte do registro visual. Sinto que se ele tivesse condição financeira favorável, teria comprado máquinas e feito da arte de fotografar, um hobby. Sempre foi um professor da arte de viver e de eternizar.

Algumas vezes, íamos visitar meus avós maternos na cidadezinha operária em que moravam. Nela, nascemos eu, meus irmãos e papai. Visitá-la era rever o passado. Lugar cheio de memórias e afetos, bucólico e com cheiro de terra molhada. Ele tirava a máquina da sacola e

registrava lugares e pessoas que não poderiam ser esquecidas. As fotos saiam como joias do tempo, amantes da eternidade. Hoje, ainda lembro dele me fotografando com os casarios e paisagens históricas ao fundo. Os pais da minha mãe haviam migrado para lá para trabalhar. Saíram das Minas Gerais e ali chegaram de trem. Era um lugar com muita gente de fora. A maior Fábrica de tecidos era linda, parecia que estávamos na Inglaterra quando a olhávamos no final da avenida dos operários. Quantas possibilidades de registros fotográficos meu velho pai enxergava.

Recentemente, passei algumas horas do meu dia visitando as caixas de fotos. São tantas histórias narradas por elas. Falam por si mesmas. Festas e celebrações em família, olhares e sorrisos eternizados em papeis lustrosos cheios de alma. São muitas lembranças. Naquele momento, bateu uma saudade enorme de gente que não mora mais por aqui. São aqueles que habitam nossa mente e estão cravados em nosso coração. São os que vivem hoje abraçados pelo eterno.

As fotografias de paisagens, de lugares especiais, de viagens inesquecíveis e de momentos únicos, guardam em si os nossos sentimentos, as emoções vividas. A impressão que tenho ao segurá-las é que meus sentidos são convidados a visitar o passado. Cheiros, sabores, toques e prazeres, vem à tona em um alvoroço efervescente de sentimentos e decorados de saudade. Por minutos ou mesmo segundos, volto a lugares, revisito pessoas e objetos. Há um que de magia nas benditas fotos.

Amo fotografar com meu celular. São inúmeras possibilidades de registro. Mas, na maioria das vezes, assim como registraram algo ou alguém, somem nas nuvens virtuais ou nos ajustes de memória. Tê-las em mãos é como ter o poder de controlar o tempo e o espaço. Além de serem capazes de dialogar por horas conosco. Há um diálogo silencioso dos nossos olhos com esses papéis especiais.

Se a vida fosse apenas registros fotográficos, teríamos um grande risco de uma existência somente memorial. Porém,

agradeço por sermos mortais e termos desejos de eternidade. Dessa maneira, criamos possibilidades de brincar de donos do tempo e do espaço. Assim, se não tivéssemos as fotografias, teríamos o risco do esquecimento e o perigo da falta de transcendência, o que nos levaria ao túnel não palpável da vida e da nossa passageira existência. No passado, muitos viveram sem elas. Mas, afirmo que lamentavelmente não tiveram a oportunidade de segurar a história na mão. Repito: amo fotografias.



VICTORYA BARRETO

Victorya Barreto é uma poetisa de 18 anos apaixonada por letras. Ainda muito cedo, Victorya encontrou na poesia sua forma de se expressar, transcrevendo aos papéis seus sentimentos.

A POESIA COLOCA CORAÇÕEZINHOS

Acham bobagem
Essa ideia de ver
Além do que se vê.

Não entendem a insistência
Em dizer muito mais
Do que se diz.

Afinal,
O que se vê e
O que se diz são
Puramente a realidade?

Se vemos e dizemos
O que devemos
Ver e dizer,

Estamos vivendo
Sem complicações?

Quando digo o devido,
Ignoro o que penso.
Devo me importar com o pensar?

Quando vejo como devido,
Ignoro o que sinto.
Devo me importar com o sentir?

É exagero dizer o que pensa?
É bobagem ver como se sente?

Talvez, na verdade,
O pensar e o sentir sejam
A parte da vida que a poesia alcança.

Eu ouvi certa vez:
“Poesia é como enfeitar com coraçõezinhos
Coisas simples e normais
Transformando-as em muita coisa”

Mas, na verdade,
Tudo é muita coisa,

Só cabe a quem as vive

Entender assim

Ou não.

A poesia coloca coraçõezinhos,

Ou melhor,

Te faz enxergar os coraçõezinhos

Que sempre estiveram ali.



WEVERTON NOTREVIEW

Weverton Lopes da Silva, natural da Cidade de Naviraí. Estado do Mato Grosso do Sul, nasceu na data de 20 de Setembro de 1991 com seu irmão gêmeo Welton Lopes da Silva. Desenvolveu o apreço pela leitura e escrita desde muito criança. O Pseudônimo **Weverton Notreview** nasceu na inquietação filosófica do Autor que segue a Filosofia Pré-Socrática. Atualmente membro da Academia ALBMS (Academia de Letras do Brasil Seccional Mato Grosso do Sul) desde 16 de Agosto de 2022. Seu Patrono é o Eterno Artista Charles Chaplin.

MÃE

Quando nasce uma menina,
Eis que o Universo presenteia
Mais uma Mãe, Matriarca de ideias,
Mãe de inspirações e aspirações.

Mamãe que te amo desde quando eu nasci,
Que muito antes em seu ventre fui gerado.
Todo o seu Amor por veias e na corrente sanguínea
Até a mim foi ligado.

Não será no corte umbilical,
Que nosso Amor ficará menor;
Será fortalecido nas noites que não dormiu,
Será ainda mais caloroso no inverno que surgiu,

Será mais lindo pois você é o meu primeiro Amor.
Eu te amo, muito antes de nascer, de conhecer este
Mundo, sei que nasci de um Mundo chamado Mulher:
Mãe, Gaia, Natureza, a minha Pachamama, a minha Mãe.

Sempre estará em mim, pois sou formado da sua
Carne, do seu sangue fui nutrido.
Um Amor infinito não há igual.
Por isso eu a amo, por isso a amarei
E a ti permanecerei unido.

NAMORADOS

Que os casais possam viver
Um dia de cada vez
Na mesma alegria do primeiro
Encontro.

Que o namoro dure para sempre
Mesmo com toda e qualquer
Dificuldade, que não seja
Somente uma fase.

Que seja eternizado
A troca de olhares o
amor à primeira vista

A sensação do primeiro beijo.

O namoro poderia ser a
Definição dada aos casais
Que se encontram e se
Enamoram.

Namorar é amar
Amar é namorar
Quando se amamos
O amor-próprio é transformador



ZÉ COEMBRA

Mineiro de Pedra Azul-MG. Aposentado - Gosto profundo pela Literatura - Poeta - Ativista atuante em defesa da natureza.

ESSÊNCIA

A mulher a própria essência da beleza de uma flor. Só merece ser tratada, com muito carinho e amor.

Sejamos todos a favor da paz
Violência contra a mulher jamais
Liberdade para todas as mulheres

Igualdade juntamente com lealdade
Convivência seja de plena reciprocidade
Que o amor seja sempre o laço de união

Ser mãe, um dos gestos mais nobre da vida
Clamamos por ela, até na hora da partida
São tão fortes, como uma guerreira
Ao mesmo tempo, uma doce companheira.

SINUOSA

Neste solo fértil, germinou uma
frondosa semente. Logo tornou na
imensidão um gracioso monte
Precioso monobloco que contagia muita
gente. Perto das nuvens brilha, essa
Sinuosa figura. Sem dúvida, decora
qualquer moldura
Nos dias de lazer, fazer o quê?
Uma excelente opção, deslizar as mãos
no corrimão, da escadaria da Pedra da
Conceição. Lá... por quase pouco, dá
para tocar as mãos no céu
Um passeio, valioso como troféu
Para encontrar joias raras, não preciso
sair pelo mundo. Tenho diante dos meus
olhos, todo este Diamante
De tão belo, chega até paralisar, a minha
mente
Beleza natural, realmente um point magistral.



ANDREIA MARQUES

Organizadora

Escritora, editora, filósofa, psicanalista e mediadora de leitura. Membro Correspondente da AIAB (Academia Inclusiva de Autores Brasilienses) e Membro da AILB (Academia Internacional de Literatura Brasileira), publicou oito livros infantis, organizou e participou de diversas antologias.

Contatos:

www.andreiamarques.com.br

www.editorapanoplia.com.br

@andreia.marques.autora

*Este livro foi composto nas tipologias “Cambria”, “Book Antiqua”, “Alef”,
“Corbel” e “Gabriola” para a editora Panóplia Cultural.*

"Sentimentos Escritos" é uma envolvente antologia que expõe o íntimo da emoção humana por meio de uma coleção diversificada de contos, poemas, crônicas e haicais. Com tema livre, os autores mergulham em uma ampla gama de sentimentos. Sendo cada escrito uma jornada pessoal e autêntica, oferecendo aos leitores uma visão das complexidades da experiência humana.

"Sentimentos Escritos" não se limita a uma única perspectiva; ao contrário, celebra a diversidade de vozes e experiências, criando um mosaico literário que captura a riqueza e a complexidade dos sentimentos que permeiam nossa existência.

Prepare-se para uma jornada emocional única, onde as palavras ganham vida e os sentimentos se entrelaçam.

ISBN 978-855401851-1



9

788554

018511



editorapanoplia.com.br